



Livro 1

A Influência africana e indígena na construção da identidade do povo brasileiro.

Cefope 




LIVRO 1

A INFLUÊNCIA AFRICANA E INDÍGENA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO POVO BRASILEIRO

Apresentação

- 1.1 Legislação acerca da Temática Étnico-racial.
- 1.2 África: berço das civilizações.
- 1.3 Influências Culturais Africana e Indígena na Cultura Brasileira.
- 1.4 A Influência Africana na Literatura.
- 1.5 As Identidades Negra e Indígena na Formação Identitária Capixaba.
- 1.6 A Religiosidade de Matriz Africana: religiões afro-brasileiras e o respeito à diversidade religiosa.

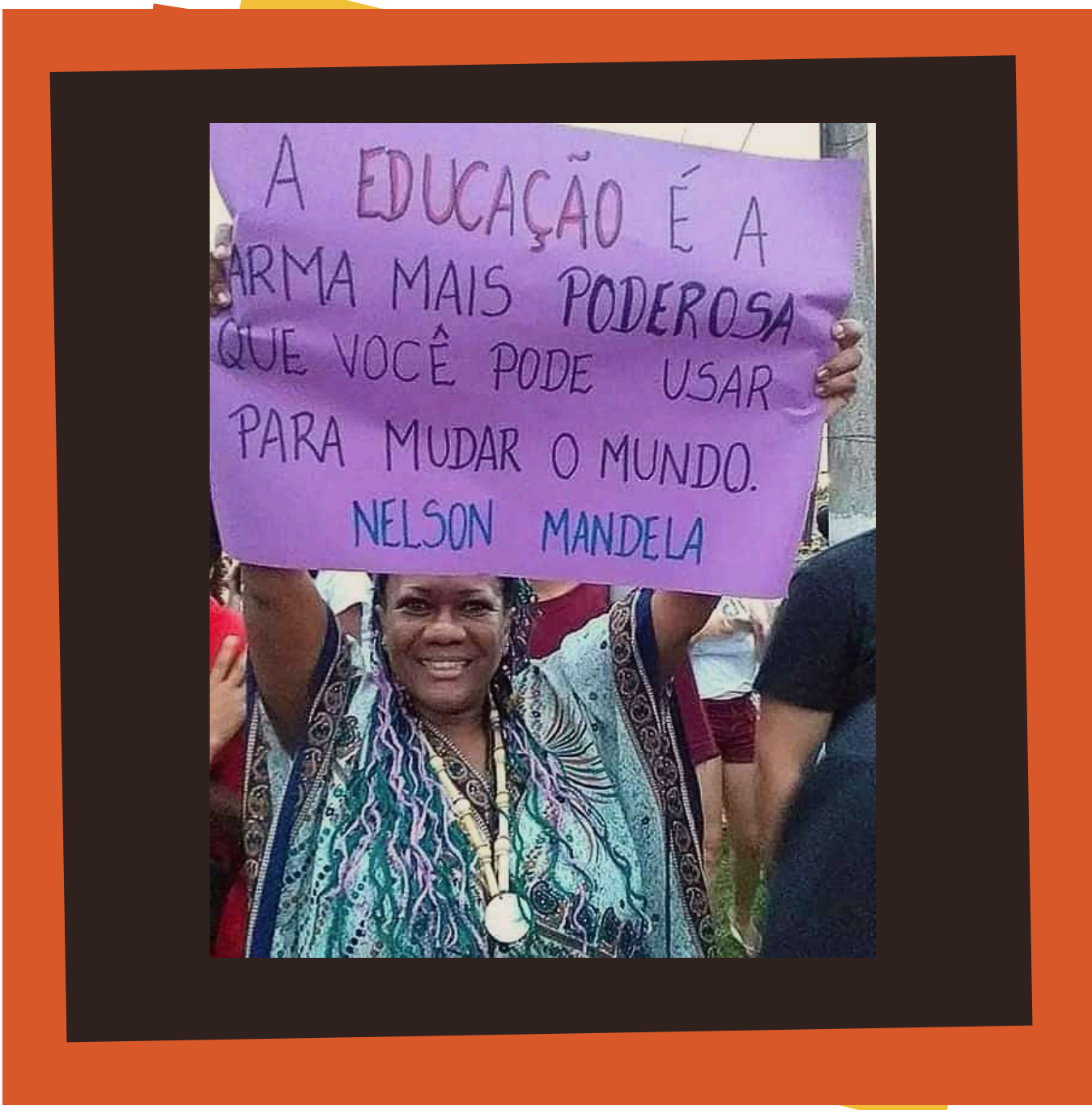


 **IDENTIDADES negra e indígena**

IMPORTANTE!

Neste curso, pretendemos refletir sobre as questões apontadas, a fim de que possamos, juntos, construir alternativas de práticas de educação sem racismo, de acordo com as diferentes realidades educacionais em que vivemos.

Educação sem racismo



Convidamos vocês para que, acima de tudo, estejam atentos às salas de aula, porque é nesse contexto, onde práticas pedagógicas se realizam, que o racismo também se expressa, de maneira sutil ou não, velado ou evidente.

Oferecemos um espaço formativo para que possamos debater, refletir e repensar nosso fazer pedagógico em todo o contexto escolar, e não somente na sala de aula, de modo a tornar a educação sem racismo uma prática comum em nossas vidas e, conseqüentemente, na vida de todos quantos participam da realidade cotidiana escolar.

1.1 LEGISLAÇÃO ACERCA DA TEMÁTICA ÉTNICO-RACIAL.



Para que seja possível uma melhor compreensão da **influência cultural africana e indígena para a identidade do povo brasileiro**, faz-se necessário conhecer a legislação vigente sobre a forma como o ensino dessa temática é apresentada do âmbito da Educação.

A seguir, vamos conhecer um pouco sobre as seguintes leis:

**Lei 10.639/2003; e
Lei 11.645/2008.**

Leia trechos da **Lei 10.639/2003**:

Art. 1º A Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

[...]

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Clique aqui para acessar a Lei Nº 10.639/2003 na íntegra.

Conheça agora alguns trechos da [Lei 11.645/2008](#):

Art. 1º O art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras." (NR)

Clique aqui para acessar a Lei Nº 11.645/2008 na íntegra.

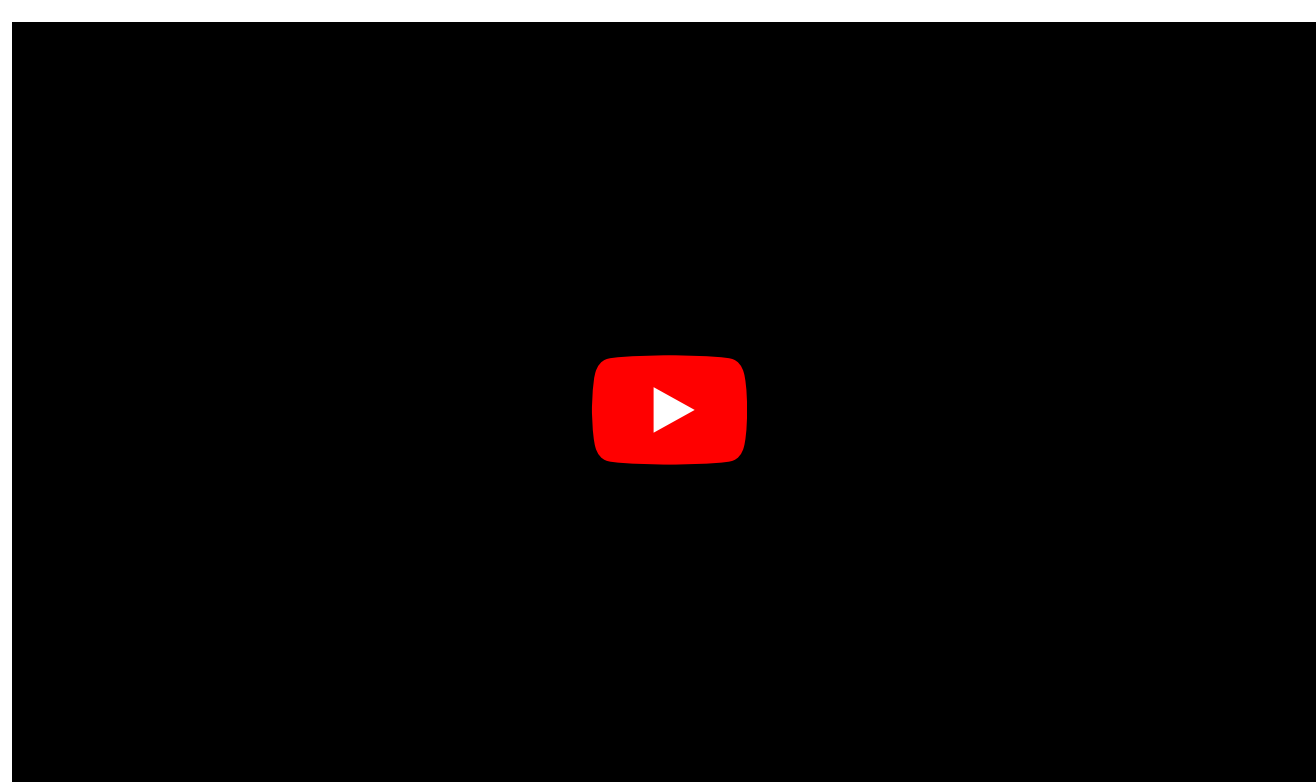


Objetivo da Legislação (Leis 10.639/2003 e 11.645/2008)

No Brasil, o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana sempre veio associado, nas aulas de História, apenas à temática da escravidão negra africana.

A Lei 10.639/2003, posteriormente alterada pela Lei 11.645/2008, vem para mudar essa realidade e tornar obrigatório o ensino da história e cultura, afro-brasileira e indígena, em todas as escolas públicas e particulares, desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio.

Assista ao vídeo que apresenta parte de uma entrevista com a Profª. Véra Neusa Lopes, graduada em Ciências Sociais pela PUC-RS, e trata da obrigatoriedade da aplicação das Leis 10.639/03 e 11.645/08.



Entrevista sobre Lei 10.639 e 11.645.
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eV30Cz3_BAM





Marcos Legais da Educação das Relações Étnico-raciais no Brasil.

No ano seguinte à promulgação da Lei nº 10639/03, o CNE/CP, visando regulamentar o processo de implementação e efetivação do referido dispositivo legal, elaborou o **Parecer nº 03/2004**, documento no qual se encontra o texto das **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana** (instituídas pela Resolução CNE/CP nº 01/2004, em 17 de junho de 2004).

De forma estrutural, essas Diretrizes objetivam oferecer uma “resposta”, na perspectiva da educação, à demanda da população afrodescendente em torno de políticas de ações afirmativas, isto é, “políticas de reparações e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura e identidade”. Representam, ao mesmo tempo, uma “política curricular” pautada em “dimensões históricas, sociais, antropológicas” vinculadas à realidade brasileira e destinada a enfrentar e “combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros” (BRASIL, 2004, p. 2).

As Diretrizes também propõem a “divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial”, ações que devem se concretizar em forma de uma integral reeducação das relações étnico-raciais que, fomentadas no espaço escolar, necessitam impactar todo o país no que tange ao reconhecimento da diversidade e do antirracismo como um valor social (BRASIL, 2004, p. 2).

Em 2009, o Ministério da Educação e a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial publicaram o **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Étnico-Racial e História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Esse documento tornou-se guia fundamental de orientações destinadas aos sistemas de ensino e às instituições correlatas, em torno do processo de implementação da educação para as relações étnico-raciais e de seus marcos legais no Brasil.

O Plano está estruturado em seis eixos estratégicos que constituem decisivos direcionamentos para que os órgãos educacionais gestores (federais e federados) e as próprias instituições de ensino elaborem suas ações, metas e caminhos para conduzirem de forma consciente e adequada tanto à temática da educação para as relações étnico-raciais nos sistemas escolares, quanto às políticas de combate ao racismo no âmbito educacional (BRASIL, 2009).

Na esfera Estadual, destaca-se a **Resolução CEE nº 1.967 de 14 de maio de 2009**, que institui normas

complementares às Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Esta Resolução trata também, da obrigatoriedade da inclusão da História e Cultura Indígena nos currículos escolares da Educação Básica das instituições de ensino integrantes do Sistema de Ensino do Estado do Espírito Santo.

Entre as principais determinações dessa Resolução, destaca-se a que estabelece que o Projeto Político-Pedagógico das unidades de ensino deve garantir que a organização dos conteúdos dos componentes de toda a matriz curricular contemple, obrigatoriamente, ao longo do desenvolvimento dos

calendários

letivos, a História e a Cultura Afro-brasileira e Indígena, na perspectiva de construir uma educação “compatível com uma sociedade democrática, multicultural, intercultural e pluriétnica”.

Além disso, a **Resolução CEE nº 1.967, de 14 de maio de 2009**, recomenda que os estabelecimentos de ensino dialoguem com os Movimentos, os núcleos de estudos e os grupos culturais negros e indígenas, assim como solicita que as mantenedoras de instituições de ensino, públicas e privadas, subordinadas ao CEE/ES, tomem “providências efetivas e sistemáticas”, em torno da qualificação dos profissionais da educação, no que diz respeito à temática da educação das relações étnico-raciais e aos seus marcos legais (ESPÍRITO SANTO, 2009).

No que se refere ao processo de cumprimento da obrigatoriedade do ensino de História e Cultura indígena, como determina a **Lei nº 11.645/08**, ainda não há aprovada uma diretriz específica para a questão indígena, da mesma forma que existe, desde 2004, para a temática do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Contudo, desde 2015, existe o **Parecer CNE/CEB nº 14/2015**, documento que versa sobre as Diretrizes Operacionais para a implementação da história e das culturas dos povos indígenas na Educação Básica, em decorrência da Lei nº 11.645/2008. O Parecer nos evidencia a urgência de se promover “o reconhecimento e a valorização da identidade, da história e da cultura dos povos indígenas, bem como a busca da garantia de reconhecimento e igualdade de valorização de todos os grupos étnicos e raciais constituidores da sociedade brasileira” (BRASIL, 2015, p. 8).

Para aprofundar seus conhecimentos em torno dos marcos legais nacionais e estaduais da Educação das Relações Étnico-raciais, clique nas caixas ao lado e acesse os documentos na íntegra:

Parecer CNE/CP nº 03/2004 (Diretrizes Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana)

Resolução CNE/CP nº 01/2004

Resolução CEE nº 1.967, de 14 de maio de 2009.

Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Étnico-Racial e História e Cultura Afro-brasileira e Africana

Parecer CNE/CEB nº 14/2015

Vamos refletir?



Pensando na legislação que rege a Educação, no que concerne à temática étnico-racial, vamos refletir sobre como algumas terminologias contribuem para a perpetuação e reprodução do racismo no ambiente escolar.

Por exemplo, o termo adequado seria "escravo" ou "escravizado"?

Escravo ou
Escravizado?

Comumente, nos referimos aos africanos, violentamente retirados de seu continente, como “escravos”. Há, nessa expressão, um grande **equivoco**, pois **ninguém nasce escravo**: essa não é uma condição inerente aos seres humanos. As pessoas foram escravizadas.

O termo escravo **naturaliza** essa condição aos seres a quem ele se refere; ademais, possui um significado preconceituoso e pejorativo, construído no decorrer da história, trazendo a visão do negro africano na condição de escravo submisso e passivo, o que é desmentido pela história de luta e resistência do povo negro escravizado. **Portanto, o termo adequado é “escravizado”, e não “escravo”.**



Relato de Experiência de Ações em Escola, com a temática Étnico- Racial sobre a Aplicação da Lei 10.639/03.



Prof. Antônio Barbosa
(Sociologia)

“Costumo trabalhar a temática racial dentro do programa da Disciplina de Sociologia, que é a disciplina que leciono, e também por meio de atividades na programação da Semana da Consciência Negra, nas escolas onde trabalho.

Na primeira série do Ensino Médio, abordamos as teorias de Gilberto Freyre e Florestan Fernandes, refletindo e problematizando a noção de "democracia racial". Costumo usar o vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=x1AA-37rjsc>, que tem uma fala do rapper Emicida no programa "Altas Horas", bem como o videoclipe da música "Canção Infantil" <https://www.youtube.com/watch?v=Ri-eF5PJ2X0>, do rapper capixaba César MC e a música "Canto das Três Raças" interpretada por Clara Nunes.

Na segunda série do Ensino Médio, abordamos o conceito de trabalho e discutimos a desigualdade social no Brasil, fazendo um recorte racial por meio da análise de estatísticas sobre a desigualdade entre brancos e negros no mercado de trabalho. Também abordamos o tema do racismo em um trabalho sobre Cidadania e Direitos Humanos, em que analisamos os artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e da Constituição Federal de 1988.



Na terceira série do Ensino Médio, estudamos Cultura, Identidade Cultural e Patrimônio Cultural, abordando os elementos da cultura africana presentes na cultura brasileira. Também estudamos os movimentos sociais, dentre eles o Movimento Negro, abordando a história do movimento, o racismo no país e as Políticas Afirmativas.

Para a Semana da Consciência Negra, geralmente é organizada uma programação nas escolas onde trabalho. Na Escola Alzira Ramos, costumo organizar apresentações musicais de professores e alunos, exibição de vídeos (filmes, documentários e séries), e uma palestra com convidados externos.



No ano de 2013, para a palestra, convidei Helom Oliveira (FEJUNES) e Karen Barros (Comissão de Igualdade Racial da OAB-ES). Nos anos de 2014, 2018 e 2019 o palestrante foi Lula Rocha (em 2014 pelo FEJUNES e em 2018 e 2019 pelo CÍRCULO PALMARINO). No ano de 2014 também levamos os estudantes para participarem da Marcha Contra o Extermínio da Juventude Negra no Centro de Vitória, organizada pelo FEJUNES, finalizando com uma visita ao Museu do Negro Capixaba.



Na Escola São João Batista, além das apresentações culturais e da palestra, é feita uma organização por salas temáticas, nas quais cada turma apresenta elementos da cultura africana e afro-brasileira. No ano de 2018, contamos com a participação, como palestrante, da Prof^a. Darlete Gomes Nascimento, a qual atua como Técnica Pedagógica na Gerência de Educação do Campo, Indígena e Quilombola, na SEDU.



Temos algumas limitações de infraestrutura e equipamentos; dificuldade para viabilizar o deslocamento dos palestrantes, quando são da sociedade civil; reprodução de alguns preconceitos relacionados às religiões de matriz africana, dentre outros.”

(Texto extraído de relato de Antônio Barbosa).

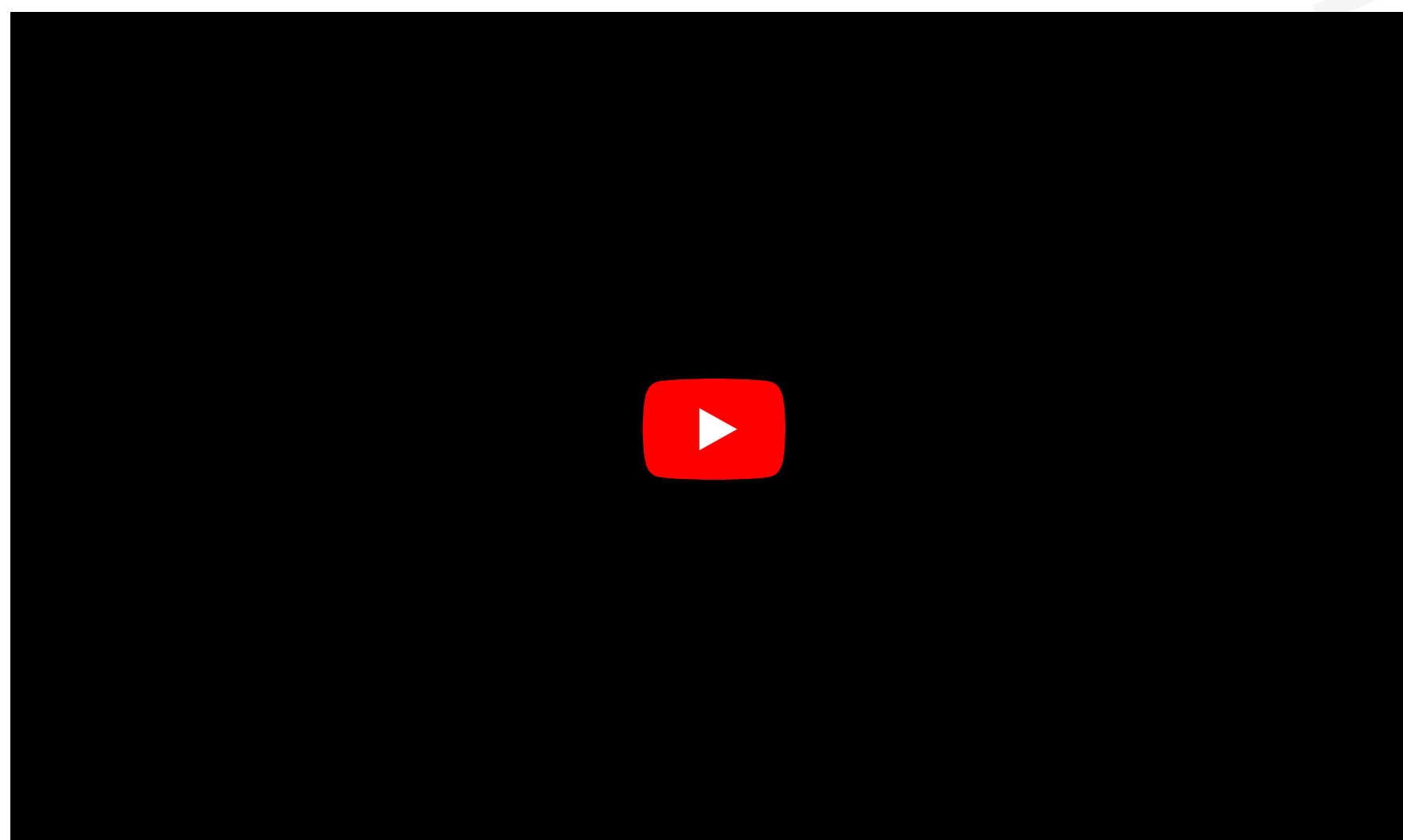
Vamos refletir?



No que concerne à **obrigatoriedade da inclusão da temática indígena nos conteúdos**, vamos refletir sobre como algumas **terminologias** contribuem para perpetuar e reproduzir a discriminação étnica no ambiente escolar e na sociedade como um todo.

Para compreender a questão sobre a importância das terminologias, assista ao vídeo do indígena Cristian Wari'u.

O termo correto é índio ou indígena?
Tribo ou aldeia?

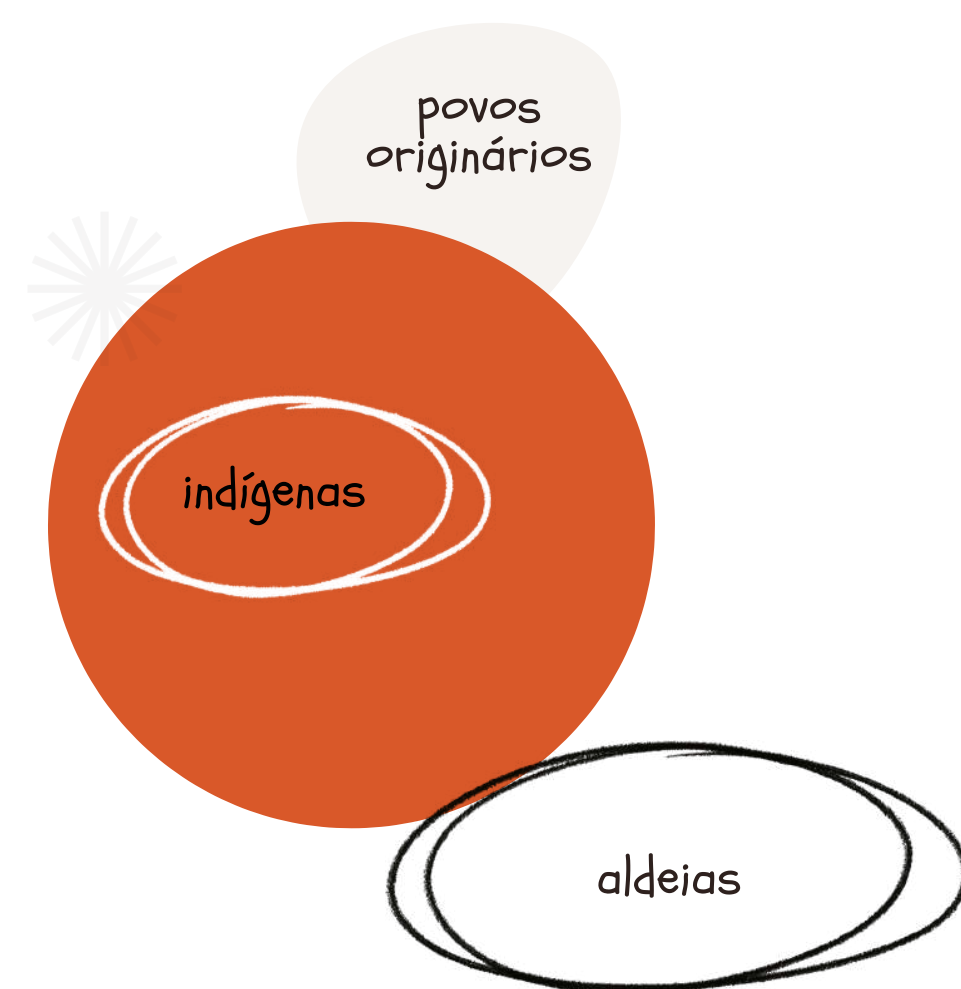


Wari'u. Povos Indígenas do Brasil.
Disponível em: https://youtu.be/unkNJF_mINQ?si=Wk6D-46CxhHtjzy

Conheçamos e aprendamos sobre alguns equívocos comuns utilizados ao referenciar povos nativos originários, na transcrição da fala do indígena Cristian Wariu:

"Diferente do que muitas pessoas pensam, 'índio' não seria a palavra correta ao se referir aos 'indígenas' ou 'povos nativos originários.' 'Índio' foi um equívoco dos primeiros navegantes ao pisarem nestas terras, por acreditarem ter chegado às Índias. [...]

Outro equívoco é a maneira como deveriam ser nomeados os grupos indígenas; 'tribo,' por exemplo, é incorreto, ultrapassado e é uma denominação europeia criada para hierarquizar os diferentes povos: do 'selvagem' ao 'bárbaro' e, por fim, o 'civilizado' - o que é um erro, pois povos diferentemente disso, não são superiores ou inferiores; apenas têm costumes, tradições e organizações sociais e políticas distintas."



1.2 ÁFRICA: BERÇO DAS CIVILIZAÇÕES.

Neste capítulo será tratada a irrefutabilidade de que o continente africano é o berço das civilizações. A negação de que a vida humana se iniciou em África está, diretamente, ligada ao racismo.

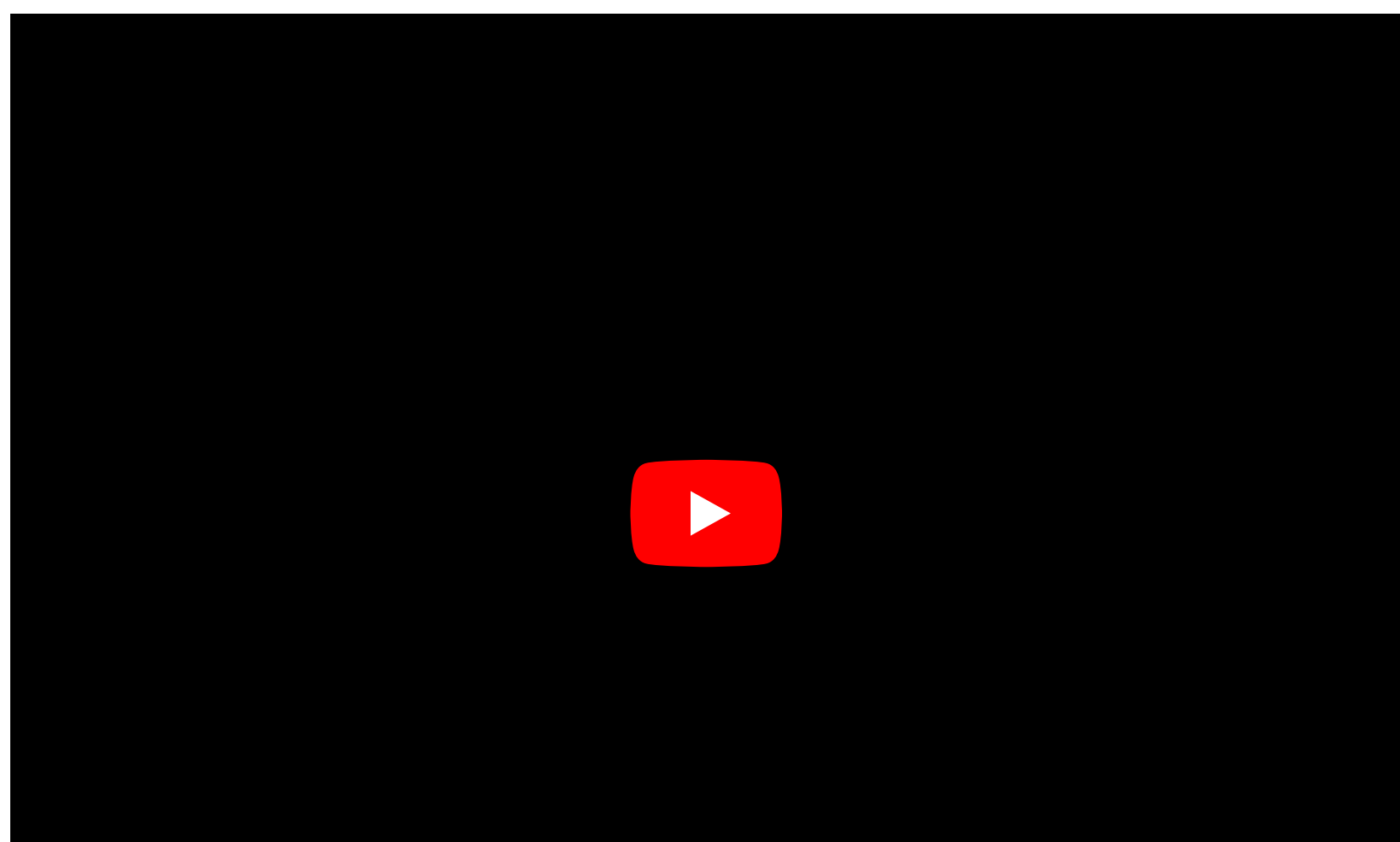
Leia o trecho do livro **Vozes Negras na História da Educação: racismo, educação e movimento negro no Espírito Santo (1978-2002)**, de Gustavo A. Forde (2018):

Um dos principais focos do racismo ocidental tem sido o processo identitário dos não brancos, ora significando-os como não humanos, ora como quase humanos e ora como humanos de menor valor social. As linhas de cor/raça manipuladas em nome do racismo estigmatizam e desqualificam os não brancos e, ao fazê-lo, lhes imputam um processo de marginalização e opressão social justificado por uma suposta inferioridade racial.

Para isso, utilizam a linguagem para o reducionismo histórico-cultural dos diversos povos africanos à condição de sujeito negro ou negroide. Esta redução não é apenas semântica, mas, sobretudo, político-identitária, pois invisibiliza as singularidades culturais, as experiências civilizatórias e as produções intelectuais dos diversos povos africanos e seus descendentes, a partir da projeção de um sujeito racial "negro" essencializado, desumanizado e incivilizado.

No pensamento racista ocidental, os africanos e seus descendentes posicionados como "sujeito racial negro" estariam predestinados à emoção, à sexualidade e ao lúdico, em oposição à razão, ao empreendedorismo e à civilidade dos europeus (FORDE, 2018, p.213).

Neste vídeo do canal Mwana Afrika O cina Cultural, são trazidos dados que corroboram com o aspecto concludente de que a África é o berço das civilizações: “África é origem; África é legado”.



Leia o artigo "[Primeiros humanos na África](#)" da historiadora Ana Luíza Mello Santiago de Andrade, publicado no site InfoEscola.

"A diversidade do continente africano nos coloca uma série de possíveis respostas para o aparecimento dos primeiros humanos no planeta. A África é sem dúvida o continente mais antigo em todo globo terrestre, e sua paisagem mantém as formas geológicas que adquiriu até o presente. Com uma extensão territorial de mais de 30 milhões de km², este continente tem o equivalente a pouco mais de 20% da superfície terrestre. O continente é banhado por grandes volumes de água, ao norte pelo Mar Mediterrâneo, ao Leste pelo oceânico Índico e o Mar Vermelho, ao Oeste pelo oceano Atlântico. Esse conjunto possibilitou uma enorme diversidade ambiental, e foi onde ocorreu o longo processo da evolução humana.



Devido às suas características geomorfológicas o continente africano foi uma paisagem favorável para a evolução humana. Foi o menos afetado durante o desprendimento das outras porções territoriais que deram origem à América, à Eurásia e à Antártida quando antes eram apenas um único continente - a Pangeia. Esta formação permitiu que as primeiras formas de vida ali se desenvolvessem. Há cerca de 70 milhões de anos os primeiros animais mamíferos surgiram, entre eles os prossímios e há 12 milhões de anos surgiram os primatas que dariam origem aos macacos atuais e aos hominídeos, os ancestrais mais antigos do gênero Homo. Estes primatas, segundo os paleontólogos, eram vegetarianos e andavam sobre quatro patas.

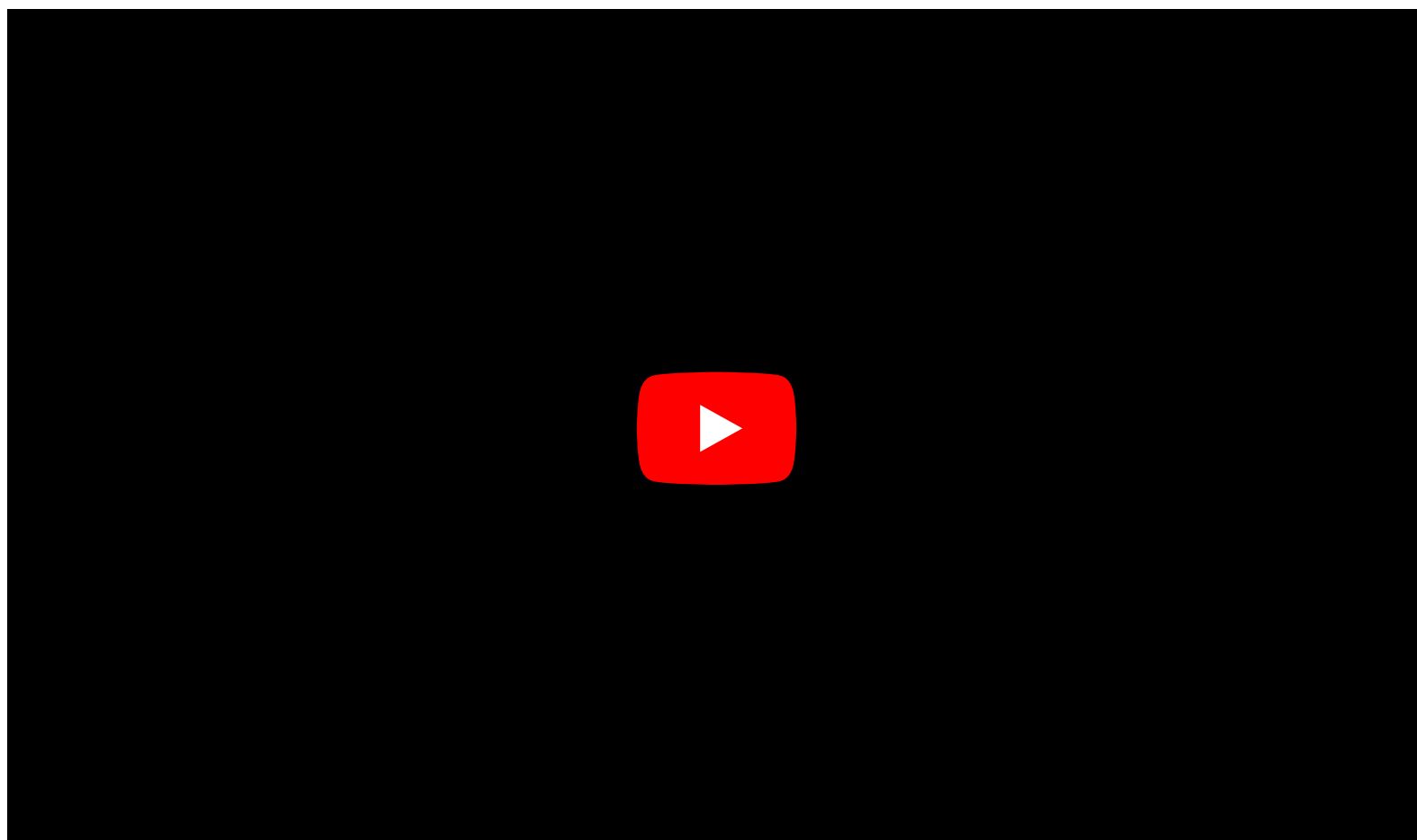
[Clique aqui para ler o texto no site InfoEscola](#)

Somente há 3,5 milhões de anos surgiria o primeiro elo que levaria à espécie humana, o Australopithecus afriicanus, que foi descoberto em 1924 pelo cientista Reymond Dart, na África do Sul. Um fóssil mais completo do gênero, da espécie A. afarensis, foi descoberto por Yvens Coppens, 50 anos depois, em 1974 em Afar, na Etiópia e ficou conhecido como Lucy. Os australopitecos, assim como Lucy, tornaram-se bípedes, que para o processo de hominização foi um ganho muito significativo, pois além de se locomover por distâncias maiores, os primeiros hominídeos puderam carregar objetos e filhotes, facilitando a conservação da espécie. Este processo de usar as mãos constantemente fez mais tarde que os humanos desenvolvessem o movimento de pinça que possibilitou não só segurar objetos como fabricá-los.

Há 1,5 milhões de anos surgia no continente africano o Homo habilis, primeiro no gênero Homo. As habilidades do bipedismo e a construção de ferramentas a partir de ossos de animais e pedras, possibilitaram-no explorar o meio a sua volta. Isso tudo se deu graças ao aumento da sua caixa craniana e conseqüentemente o aumento do seu cérebro. O Homo habilis era caçador e conquistava suas presas se articulando em grupo, o que provavelmente possibilitou as primeiras tradições sociais. Do mesmo modo que a fala, houve a necessidade de uma comunicação verbal para transmitir conhecimentos prévios. Foi este gênero que conseguiu manipular, pela primeira vez, segundo arqueólogos, o fogo. Este avanço possibilitou ingerir alimentos mais facilmente, bem como afugentar animais perigosos, aquecer-se e até mesmo fabricar armas mais eficientes.

No Paleolítico, situado entre cerca de 2,4 milhões e 12 mil anos, a África foi palco de diversos grupos humanos, entre caçadores e coletores, que usavam diversos artefatos. Por volta de 1 milhão de anos atrás é que estes grupos resolveram explorar outros territórios, como a Ásia e a Europa, levando sua base cultural originária na África. Neste período, acerca de 200 mil anos, surge o Homo sapiens que se aproximava do negro-africano atual. Foi a espécie que mais se adaptou aos climas variados da terra, gerando adaptações como a cor da pele; afinar e aumentar o nariz; pelos e gorduras corporais; desta forma podemos verificar que os homens e as mulheres modernos(as) têm suas raízes mais profundas na África.”

O vídeo a seguir faz um percurso por diferentes países africanos, incluindo uma visita ao **sítio arqueológico Melka Kunture**, na Etiópia, que abriga descobertas importantes - tal como **Lucy**, nossa antepassada mais antiga. Nele é possível constatar que, realmente, a África é o berço da humanidade.



Nova África - Berço da Humanidade.
Disponível em: <https://youtu.be/0Mal2nGLink?si=izQlhrXZ7UR-2HMV>

A ocupação indígena na América.

Não há consenso entre os estudiosos em relação à demografia dos diversos povos indígenas que habitavam as Américas, antes do processo de exploração/colonização realizado pelos europeus, a partir do século XV. Pesquisas estimam a presença de 01 a 8,5 milhões de indígenas vivendo apenas nas terras baixas da América do Sul, ou seja, nas regiões não andinas. Os números aumentam muito quando levamos em consideração todo o continente, variando, de acordo com a hipótese da pesquisa, de 13 a 112 milhões de nativos na América (CUNHA, 1992, p. 14).

No território que hoje corresponde ao Brasil, estima-se a presença de, ao menos, 5 milhões de nativos no período anterior às chegadas das primeiras Caravelas portuguesas (LUCIANO, 2006, p. 27).

Com o passar dos séculos, o trabalho compulsório, as guerras, as invasões, as doenças e as imposições culturais reduziram, drasticamente, a população nativa de toda a América e, segundo alguns estudos, as perdas humanas representaram entre um quarto a, até mesmo, mais de 90% da população originária do continente. Se não existe concordância dos pesquisadores em torno da exatidão dos números, é fato que a presença europeia nas diferentes partes do continente americano impactou, negativamente, a existência dos povos nativos. Em suma, o que a história nos evidenciou foi um verdadeiro genocídio da população indígena (CUNHA, 1992, p. 14).



Quase tudo que sabemos sobre os povos indígenas da América, antes da chegada das primeiras embarcações europeias, tem origem em fontes históricas registradas por colonizadores ou observadores europeus, o que contribuiu, decisivamente, para a construção de imagens reducionistas que estigmatizaram essas sociedades como pequenas, atrasadas, nômades e culturalmente primitivas.

Todavia, estudiosos vêm demonstrando que esse discurso, além de servir para justificar e naturalizar o processo de colonização e exploração, não corresponde, de forma alguma, à complexidade e à diversidade social, demográfica, cultural, arquitetônica, política, culinária, econômica e religiosa dos povos que habitavam o continente americano, antes de 1492/1500.

O vídeo a seguir trata da ocupação territorial e a valiosa produção cultural realizada por diferentes povos indígenas nas Américas, antes do período colonial:



Como era a América antes de Colombo (BBC News). Duração: 10'35'." Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SSV1YvTarck>

1.3 INFLUÊNCIAS CULTURAIS AFRICANAS E INDÍGENAS NA CULTURA BRASILEIRA.



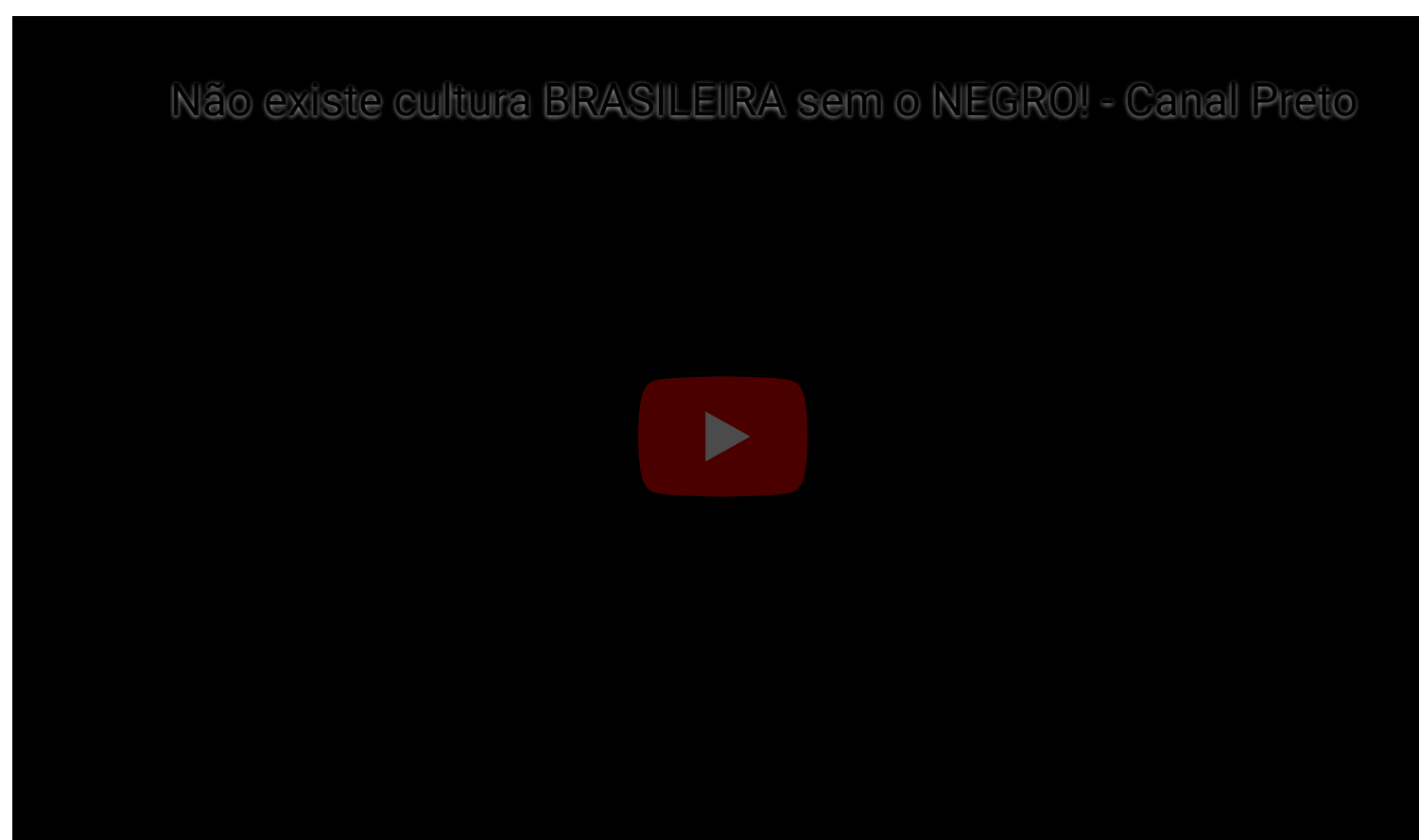
Este capítulo convida a um mergulho mais profundo no conhecimento da **diversidade cultural africana e indígena** para que, assim, possamos entender de que forma essas várias vertentes culturais influenciaram, e influenciam, a cultura brasileira.



Influências Africanas na Cultura Brasileira

Nessa primeira parte, serão apresentados conteúdos referentes às **influências africanas na cultura brasileira**, especialmente, **na dança, música, culinária e idioma**.

Para começar, assista às importantes informações abordadas neste vídeo:



Não existe cultura BRASILEIRA sem o NEGRO! - Canal Preto.
Disponível em: <https://youtu.be/fsTtQHdbHjU?si=pQ4r9dmOaGOvtDUk>



Quando falamos em “cultura africana”, é importante destacar que esta é extremamente rica e diversificada: são inúmeros os povos que habitam o continente africano e essa realidade faz com que haja uma vastíssima quantidade de línguas, etnias, religiões e diferentes costumes.

Não é possível pensar África, a partir de um olhar homogêneo. Mas, podemos afirmar que essa diversidade exerceu importante papel na formação da identidade cultural afro-brasileira.

Povos de diferentes regiões do continente africano, como bantos, nagôs, jejes, malês, dentre outros, foram sequestrados em África, trazidos para o Brasil e escravizados, para logo passarem pelo processo de repressão de sua cultura.

Entretanto, os povos africanos, ora escravizados, resistiram e mantiveram culturas e costumes, mesmo que, muitas vezes, de forma camuflada ou mascarada.



Há uma enormidade de aspectos nos quais os povos africanos contribuíram na construção da cultura brasileira e, em alguns estados, essa influência é, notadamente, mais marcante do que em outros.

Na literatura encontramos forte influência africana, pois é por meio dela que os povos negros ressignificam valores, costumes e sua própria história. É importante afirmar, outrossim, que os negros escravizados não somente se reinventaram em seus pensamentos culturais ancestrais de forma profunda e significativa, como também influenciaram a cultura ocidental contemporânea, a qual está, direta ou indiretamente, influenciada pela diáspora negra.

Por exemplo, no Brasil Colonial, bantos, jejes e nagôs criaram o candomblé, religião afro-brasileira baseada no culto aos orixás e a umbanda, uma religião sincrética, na qual há uma mistura de elementos africanos com o catolicismo e o espiritismo.

A seguir, destacaremos algumas influências na dança, música, culinária e idioma.



Dança

As danças africanas nasceram em rituais de devoção a orixás e, portanto, têm forte relação aos aspectos religiosos. No Brasil, as danças africanas se tornaram formas de expressão artística.

É importante pontuar a relevância da oralidade na transmissão dos conhecimentos ancestrais dentro das diversas culturas africanas; a dança afro-brasileira se caracteriza por uma variedade de movimentos, herança ancestral africana passada por meio da tradição oral.

A maneira de organização para as danças africanas também é bastante peculiar. Em geral, são formados círculos, fileiras ou semicírculos, o que valoriza a participação de toda a comunidade. Muitos movimentos são formas de celebração de algum acontecimento importante (casamento, rituais de passagem, celebração da morte ou agradecimentos), sempre em conformidade com a cultura de cada povo, e os instrumentos de percussão são objetos marcantes das danças africanas que, em geral, são realizadas com os pés descalços, com o objetivo de promover a ligação espiritual com a Terra.

Para além da beleza das danças africanas e, por conseguinte, das danças afro-brasileiras, os movimentos realizados têm muito a ensinar sobre a herança africana dentro da cultura legada pelos negros nas diásporas no Brasil. Algumas das variantes das danças afro-brasileiras são: baião, calango, caxambu, jongo, samba, tambor de crioula, dentre outras.

Nesta videoaula, Luciane Ramos aponta:



"Como as minhas formas de me mover no espaço dizem respeito à cultura que eu faço parte, ou às culturas das quais eu me alimento?"

Esse tipo de referência é importante também porque a gente não pensa em um corpo que se joga no espaço, um corpo que se mexe sem organização.

(...) Como eu chego à liberdade sem consciência? Eu acho que talvez isso seja uma das grandes lições que as comunidades quilombolas nos deram. A ânsia por liberdade exige organização, exige consciência."



Música

Por meio de diferentes povos africanos que foram sequestrados e trazidos para o Brasil com o objetivo de serem escravizados, a música, importante aspecto da cultura africana, foi introduzida à musicalidade local e contribuiu com os ritmos que embasam boa parte da música popular brasileira.

Os gêneros musicais de influência africana deram origem à base rítmica do **maxixe**, do **samba**, do **choro**, da **bossa nova** e de outros gêneros da atualidade. De igual modo, alguns instrumentos musicais brasileiros têm sua origem na cultura musical trazida pelos africanos, tais como **berimbau**, **afoxé**, **agogô**, **caxixe**, **reco-reco**, **atabaque**, **tambores**, entre outros.

A **música negra** cujo objetivo resgata raízes africanas, bem como a construção de uma identidade a partir de seus componentes étnicos, foi, e continua sendo, uma forma de expressar desejos e necessidades, os quais têm sido ignorados em decorrência da desigualdade racial que assola o país.

É uma **voz de protesto e resistência** que, no decorrer da história, tem funcionado como instrumento de denúncia contra as desigualdades e opressões sofridas pela população negra.

É a música negra a responsável por grande quantidade de gêneros musicais que dela emergiram.

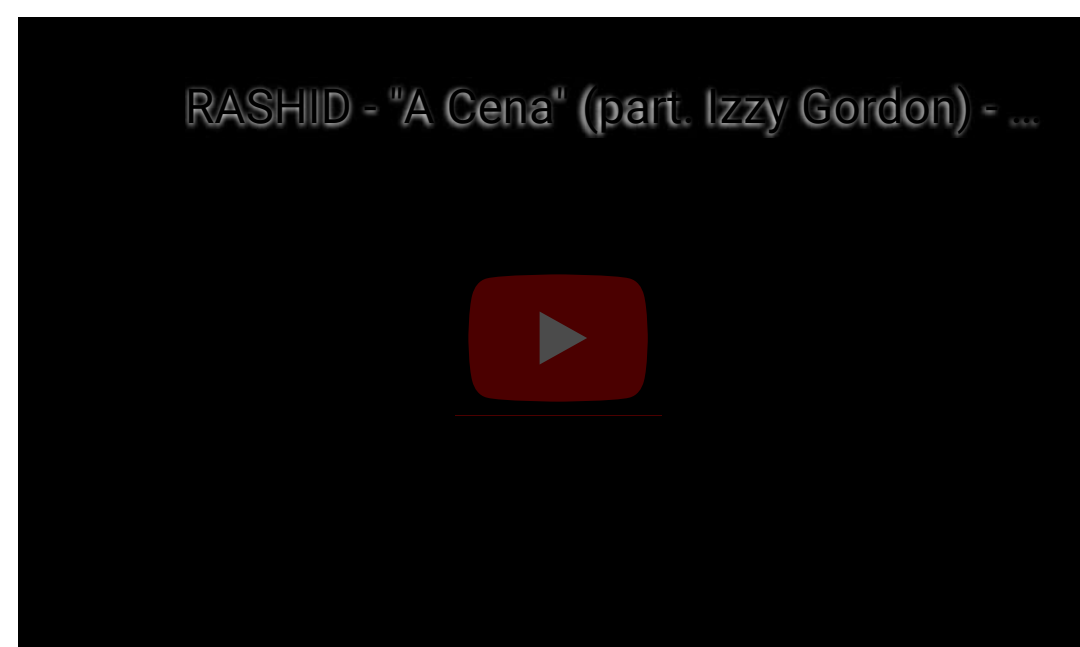
Frente a toda tentativa de anular a cultura dos escravizados, pelo processo de repressão de suas manifestações culturais, o povo negro sempre encontrou, na música, a forma de manter vivos os conhecimentos e tradições, os quais faziam parte de sua própria história e existência.

Essa musicalidade, que para os negros tinha diferentes nuances, inclusive em sua luta e resistência, foi sendo incorporada ao que conhecemos como música brasileira.



labExperimental.org. Danças Africanas e suas diásporas no Brasil. Luciane Ramos (CyberQuilombo)
Disponível em: https://youtu.be/tP206mrqm98?si=1vVFvkxj34g_mqFA

O videoclipe da música "**A cena**" demonstra como a música negra expressa desejos e necessidades do povo preto, ignorados em decorrência da desigualdade racial.



RASHID - "A Cena" (part. Izzy Gordon) .
Disponível em: https://youtu.be/b_7NLH5rghw?si=KAfBLNigmSZ0rv63

Para entendermos um pouco mais sobre a importante influência da **culinária africana**, assista ao vídeo **Legados da Culinária Afrodescendente**:



Legados da Culinária Afrodescendente
<https://youtu.be/Lf748RKwTmM?si=lv6TvT3ln5uz7-7k>

Leia, agora, a transcrição (adaptada) de algumas informações contidas no vídeo:

“O processo de migração forçada de africanos foi um dos mais longos de nossa história e durou mais de 300 anos. Aprisionados na África e viajando em péssimas condições até chegar ao Brasil, os negros não traziam consigo nenhuma bagagem e nem tampouco ingrediente culinários nos bolsos.

Da necessidade de improvisação para se alimentarem no novo território, surgiu a própria maneira de cozinhar, preparar, improvisar e principalmente reinventar sua arte de cozinhar. Os comerciantes de escravos traziam as especiarias e os escravizados traziam na memória os usos e os gostos de sua terra. Era aí que estava o segredo.

Os escravizados não tinham uma alimentação farta. Comiam os restos que os seus senhores lhes destinavam. Os ingredientes nobres e o preparo requintado aconteciam na casa grande. Enquanto isso, a cozinha negra se desenvolvia na senzala, em tachos de ferro.

Alguns escravizados conseguiam cultivar uma pequena horta. Talvez, por isso, o tempero e o uso de uma grande variedade de pimentas deram um sabor especial aos seus pratos.

O azeite de dendê também foi um dos ingredientes mais importantes da culinária negra. O dendezeiro é uma palmeira de origem africana, e de sua polpa se extrai o azeite que dá a cor, o sabor e o aroma de tantas receitas deliciosas como o caruru, o vatapá e o acarajé”.

"O acarajé se tornou tão importante que foi transformado em patrimônio nacional, pois é uma referência tão importante para a nossa cultura, que é protegido pelo patrimônio histórico. Ele é especialmente típico da cidade de Salvador, na Bahia, que é considerada a capital da cozinha afro-brasileira.

Criada nas senzalas, a feijoada é o prato mais saboroso e popular nas mesas dos brasileiros. Com o que sobrava dos senhores, os escravizados misturavam, dentro de uma caldeira, feijão preto e o resto, geralmente de porco, como os pés e orelhas desse animal.

Outras comidas afro-brasileiras:

- **Mungunzá:** alimento preparado com milho em grão e servido doce, com leite de coco; ou salgado, com acompanhamento de carne de sol ou torresmo com leite.

Quibebe: papa ou purê de abóbora com leite.

- **Cuscuz:** é composto de farinha de trigo ou de arroz e servido com carne e verduras.

- **Aberém:** bolinho feito de milho ou de arroz moído na pedra, macerado em água, salgado e cozido em folhas de bananeira secas. No candomblé, é comida de santo, oferecida a Omulu e Oxumaré.

Caruru: comida feita a base de quiabo cortado, fervido e temperado com camarões secos, azeite de dendê, cebola e pimenta."





"Na culinária afro-brasileira é muito comum o uso do caldo dos alimentos, pois ele é um item fundamental no preparo de outros como, por exemplo, sua mistura com a farinha. Por volta do século XVI, a alimentação cotidiana em diversos países africanos, que foi incorporada à comida brasileira, pelos escravizados, incluía arroz, feijão, sorgo, milho e cuscuz. A carne era proveniente da caça: antílopes, gazelas, búfalos e aves.

Hoje em dia, os pratos e os temperos da cozinha negra fazem parte da nossa alimentação. São saboreados no dia a dia e, também, nas festas populares. Podemos lembrar que da África, também, vieram ingredientes tão importantes como o coco e o café."

Fonte da imagem: <https://mundonegro.inf.br/das-africanas-ao-brasil-e-necessario-um-documentario-sobre-a-nossa-culinaria-afro-brasileira/>



Idioma

A seguir, leia alguns trechos do texto "**A influência de línguas africanas no Português falado no Brasil**", de autoria de Fernanda Fernandes.

"Línguas africanas influenciaram o português falado no Brasil, sobretudo no que diz respeito à linguagem popular brasileira, como apontam alguns estudos. Retomando e resgatando a história do país, é possível começar a mergulhar no tema.

Entre os séculos XVI e XIX, mais de quatro milhões de africanos originários de duas regiões da África subsaariana – banto e oeste-africana (também chamada “sudanesa”) – foram trazidos ao Brasil em cativo por meio do tráfico transatlântico. Em 1823, o censo apontava 75% de negros e mestiços no total da população brasileira."



Clique na imagem para acessar o texto na íntegra
Disponível em: <http://multirio.rio.rj.gov.br>

"Qualquer influência de línguas africanas ou indígenas era vista como deturpação da Língua Portuguesa, de forma negativa', diz Dante Luchesi, professor titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense, doutor em Linguística e autor do livro *Língua e Sociedade Partidas: a polarização e sociolinguística do Brasil* (2015), pelo qual recebeu, em 2016, o prêmio Jabuti, importante premiação da literatura no país.

De acordo com Luchesi, até o final do século XVII, o Brasil era um mosaico de línguas, línguas gerais indígenas e línguas francas africanas. No entanto, a história linguística do Brasil se caracterizou por um processo de homogeneização. 'A primeira Gramática de quimbundo no mundo foi escrita em 1694, na Bahia, e publicada em 1697, em Lisboa. Boa parte da população escrava da Bahia era falante de quimbundo. Mas, sobretudo com o ciclo do ouro, o Português se impôs como língua hegemônica no Brasil. Escravos africanos eram misturados pelos senhores, desde o tráfico, para que não se comunicassem em suas próprias línguas. O segmento dominado era obrigado a aprender o Português', conta.

Assim, a Língua Portuguesa acabou tornando-se a língua materna de afrodescendentes e indídescendentes. 'Até o século XIX, dois terços da população do Brasil não era falante nativa ou filha de falantes nativos portugueses. As crianças aprendiam o Português a partir da variedade falada pelos adultos, em um processo de transmissão linguística irregular. Aprendiam sem ouvir pessoas adultas falando suas próprias línguas maternas, e sim a segunda língua, defectiva. Isso levou a um processo de simplificação morfológica, que caracteriza nossa linguagem popular atual no nível da morfossintaxe', explica Luchesi".

Quanto à ampla variação popular na aplicação do português falado no Brasil com influência de línguas africanas, são exemplos:

regras de concordância nominal e verbal, como o emprego de pronomes sem flexão de caso (“eu vi tu na feira ontem”);

- reduzido uso do pronome reflexivo (“eu machuquei no trabalho ontem”);

- pronúncia (‘muié’ em vez de ‘mulher’, ‘fulô’ em vez de ‘flor’);

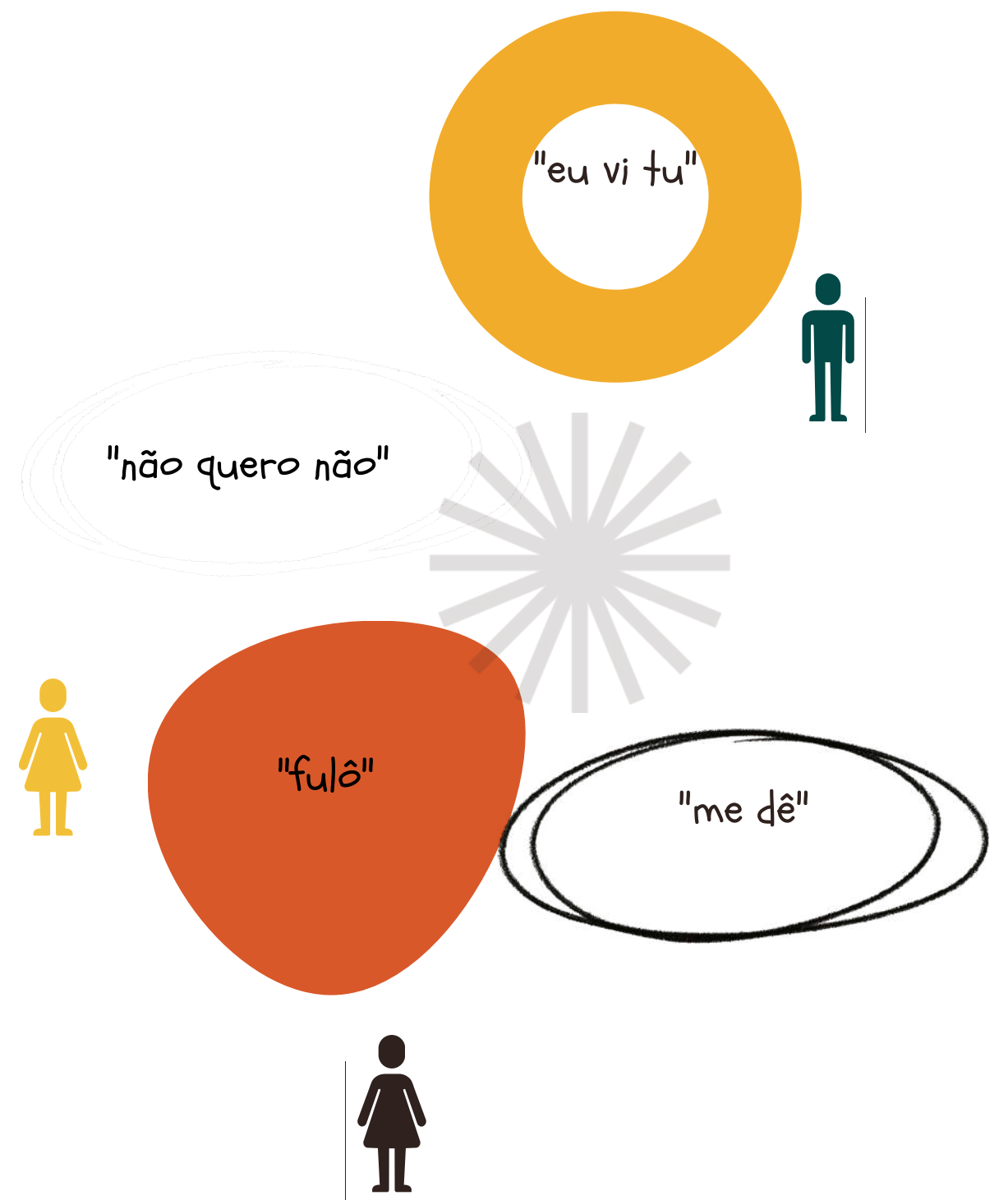
- pronúncia rica em vogais (ri.ti.mo, pi.néu, a.di.vo.ga.do);

- tendência a não marcar o plural do substantivo no sintagma nominal (“os menino”, “as casa”);

- dupla negação (“não quero não”);

- emprego preferencial pela próclise (“eu lhe disse”, “me dê”).

- vocabulário: instrumentos musicais (berimbau, cuíca, agogô), ora (dendê, moranga, jiló), fauna (camundongo, minhoca, marimbondo), corpo humano (bunda, corcunda, banguela), culinária (mocotó, moqueca, canjica) etc.



Influências Indígenas na Cultura Brasileira.

Nesta segunda parte, apresentamos conteúdos que apontam as **influências indígenas na formação cultural do Brasil, especialmente, na culinária e no idioma.**

Para começar, assista ao vídeo "**Herança Cultural - Culturas indígenas**", do Instituto Itaú Cultural.

Os depoimentos foram gravados durante o evento Mekukradjá – Círculo de Saberes de Escritores e Realizadores Indígenas, em 2018, São Paulo/SP.



Herança cultural - Culturas indígenas (2018).
<https://www.youtube.com/watch?v=BE7kLD66t8A&pjreload=101>



No vídeo anterior, Fabiane Medina, Daniel Munduruku, Graciela Guarani, Graciliana Wakanã, Luiz Henrique Eloy, Marcos Terena e Álvaro Tukano falam sobre a atualização da cultura indígena e as trocas com a era moderna, o uso de tecnologias e os significados da vida na aldeia.

Ao pensarmos a cultura brasileira, é impossível não a associarmos às influências indígenas e em como estas estão enraizadas em nossos hábitos e costumes.

Temos a presença do legado indígena na formação cultural brasileira desde o deitar em redes, preparar pratos variados (como o pirão de peixe e a tapioca), a utilização medicinal de plantas nativas, as crenças no folclore (Saci Pererê e Curupira, por exemplo), até as influências no idioma nacional.

Segundo dados do Censo 2022, vivem no Brasil cerca de 1.693.535 de pessoas indígenas, representando 0,83% do total de habitantes do país.

Para saber mais dados atualizados sobre a população indígena coletados no Censo de 2022, clique aqui.



Culinária



Uma marca cultural de um povo ou uma região é a gastronomia: sabores, temperos e misturas fazem parte das características de cada lugar e contam uma história, como é o caso da **culinária indígena**:

Beiju e tapioca: onde hoje está o estado de Pernambuco viviam, inicialmente, indígenas que consumiam o beiju, prato preparado com a massa da mandioca (diferente da tapioca feita do amido da mandioca). Essa massa, ao ser espalhada na frigideira, forma uma espécie de crepe seco e pode receber diferentes recheios doces ou salgados.

Moqueca de peixe: a moqueca de peixe tem origem na culinária indígena e é uma comida tradicional da cozinha brasileira. As mais famosas são a capixaba e a baiana (com azeite de dendê).

Paçoca: paçoca é um termo indígena que significa esmigalhar com as mãos ou socado em pilão. Os povos indígenas já misturavam amendoim, farinha de mandioca, açúcar e sal.

Pipoca: inicialmente, os indígenas preparavam a pipoca com a espiga inteira, sobre o fogo e depois, passaram a colocar os grãos sobre as brasas. Ainda mais tarde, cozinhavam o milho numa panela de barro, com areia quente, para que os grãos explodissem.



Música

A música tem papel de destaque nas culturas indígenas, sendo um importante meio de preservação das memórias e das tradições. A música representa não somente a riqueza cultural das diferentes etnias, mas também é um forte instrumento de socialização, promovendo a conexão com a ancestralidade e a natureza. Dessa forma, a música é uma forma de celebração e culto dos usos, costumes e crenças de cada etnia.

A transmissão das composições mais antigas é passada, oralmente, de uma geração a outra, existindo, dessa maneira, canções que privilegiam diferentes momentos da vida cotidiana nas aldeias, tais como: ritos de passagem, festas em homenagem aos mortos, celebrações cíclicas, cultos aos ancestrais e festas guerreiras.

Assista a apresentação do Coral Guarani Tenonderã:



Coral Guarani Tenonderã (Música Indígena Guarani) - Nhãnderu Tenonde Guiae - Duração: 3'39".
Disponível em: <https://youtu.be/DH0Sv-gPwnw?si=GL6piBo45CJXGfwN>

chocalho

reco-reco

flauta

pau-de-chuva

maracá

trombetas de cuia

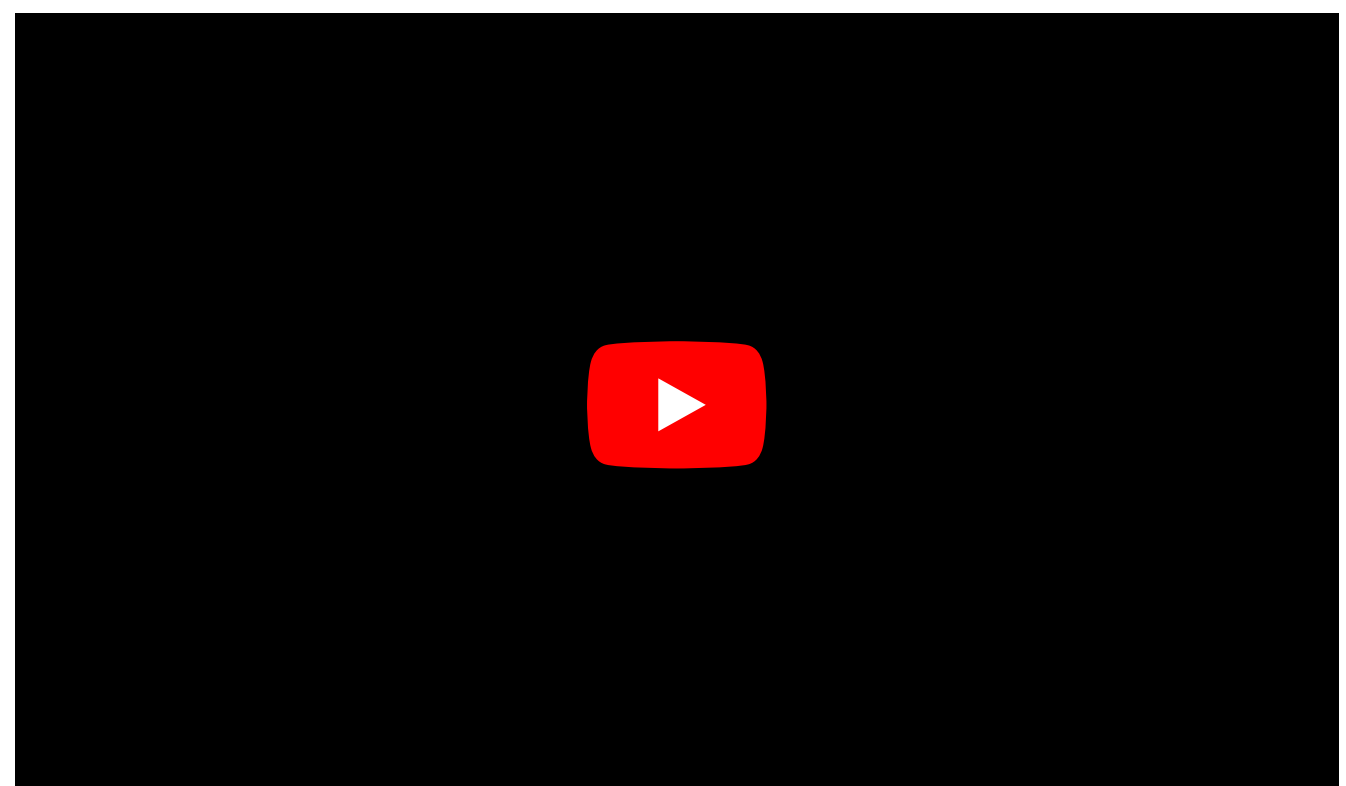
A produção musical indígena apresenta composições com funções específicas, e é baseada no canto e em instrumentos construídos com aquilo que é encontrado na natureza. **Os instrumentos musicais mais comuns são o maracá, a flauta, o reco-reco, as trombetas de cuia, percussão, sopro e os bastões de ritmo.**

O **maracá** é usado para acompanhar o canto. Para fazer esse instrumento, os indígenas pegam uma cabaça e colocam dentro dela pequenas pedras e sementes. Depois, fecham o buraco, colocam no chocalho um cabo de madeira e o enfeitam com penas.

Outro instrumento utilizado é o pau-de-chuva, feito com um longo canudo de bambu ou madeira, onde se colocam várias sementes.



A seguir, veja como a música indígena tem sido um instrumento para revitalização da Língua Tupi entre o povo Tupinikim da **Aldeia Areal, em Aracruz/ES:**



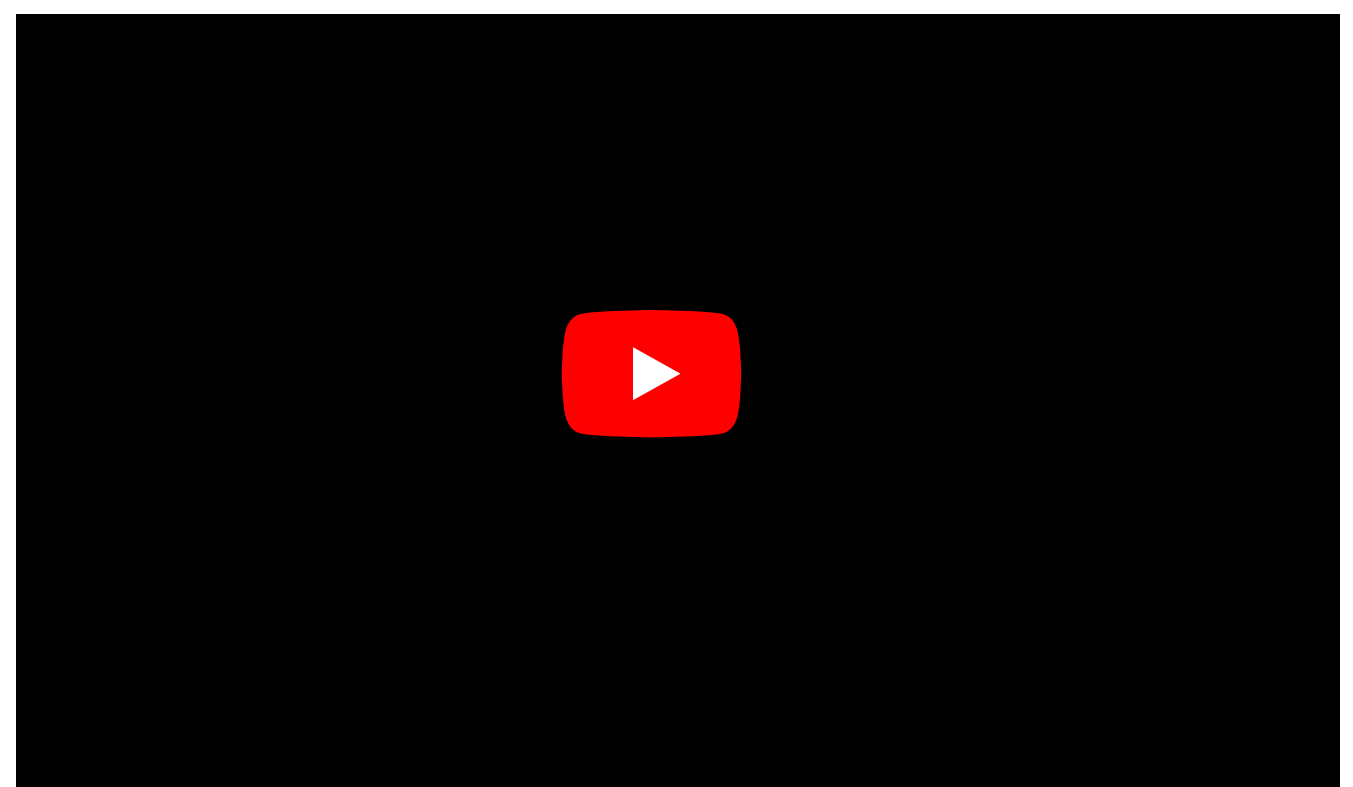
Indígenas de Aracruz estão aprendendo o tupi em aulas de música na aldeia Areal. Duração: 3'10". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-8yvCVbEj7E>

A música também tem sido um canal de **denúncia** para os **artistas indígenas** que, por meio de suas letras e canções - muitas delas nas línguas maternas, retratam a dura realidade que vivem os povos indígenas no país, principalmente, em relação às violências sofridas.

Conheça alguns artistas indígenas com trabalhos disponíveis nas principais plataformas digitais de música e vídeo:

- Owerá;
- Brô MC's;
- Oz Guarani;
- Katú Mirim;
- Gean Ramos Pankararu;
- Kaê Guajajara;
- Rasú Yawanawa;
- Mapu Huni Kuin; e outros.

Escute a canção abaixo de Brô MC's, Kunumi MC e Oz Guarani e perceba a urgência e a potência desse som:



Resistência Nativa - Owerá, Brô Mc's, OZ Guarani (Videoclipe Oficial). Duração: 7'25". Link: <https://www.youtube.com/watch?v=LDmS6SwURTE>



Dança

A dança para os indígenas, assim como a música, está associada a diversos rituais e significados para determinado povo ou etnia. Dessa forma, a dança se faz presente nas festas e celebrações, por exemplo, para agradecer a colheita ou em cerimônias sagradas e ritos de passagem, tais como o **Kuarup** e o **Toré**.

O **Kuarup** é uma festa muito importante, um ritual em homenagem aos mortos que acontece uma vez por ano, no Parque Indígena do Alto Xingu, Mato Grosso, reunindo os povos indígenas da região.

Kuarup é o nome de uma madeira cujos troncos são ornamentados e utilizados para representar os mortos.

Durante as celebrações há comidas, danças, cânticos e rezas e, além da homenagem aos mortos, no Kuarup também são realizados o ritual de passagem das meninas para a vida adulta e as lutas em que jovens guerreiros se enfrentam.

Clique na imagem e assista ao vídeo que mostra parte dessa cerimônia:



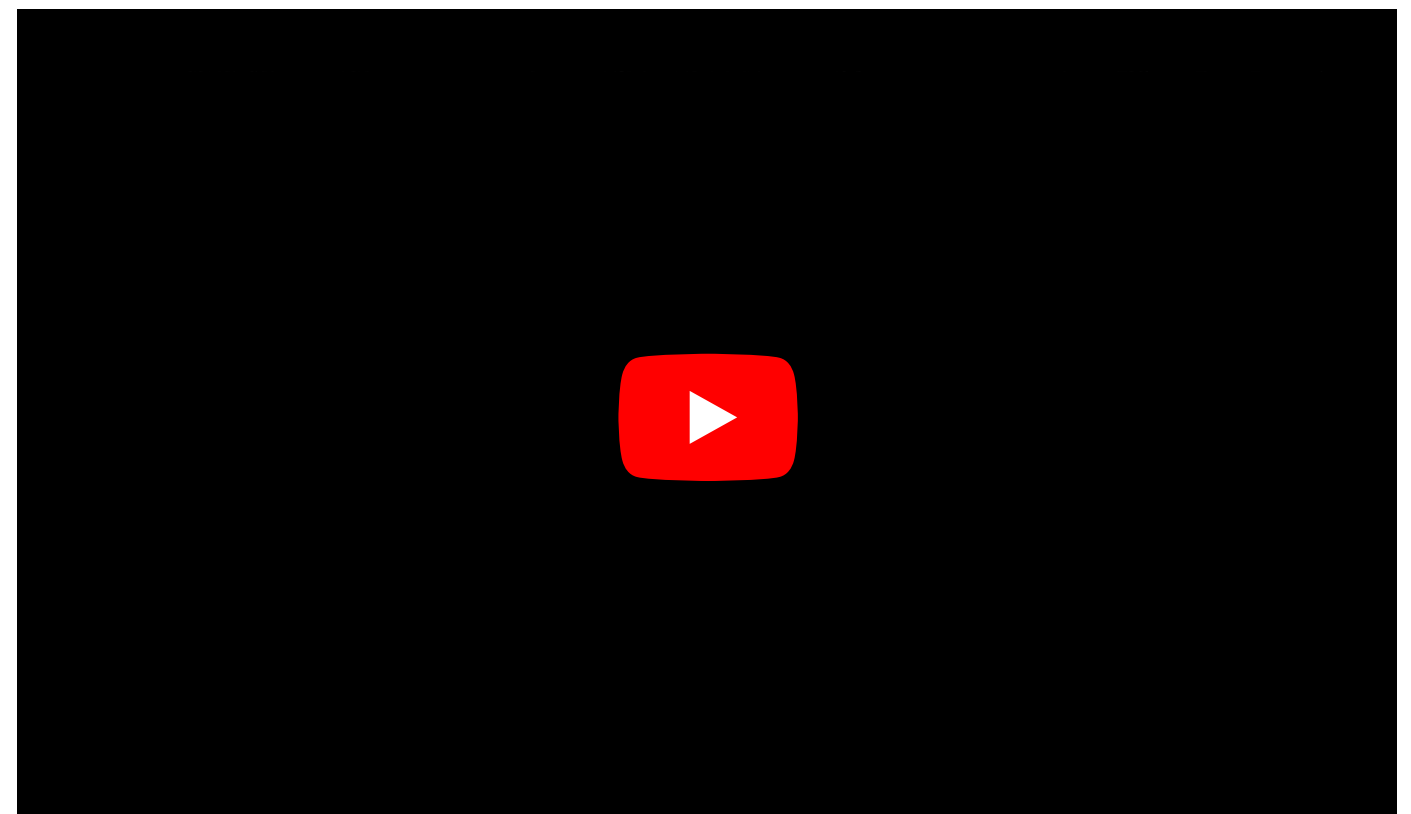
Kuarup. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=ij0DVQhj0n8>



O **Toré** é uma manifestação cultural comum a várias etnias indígenas do nordeste do Brasil. No ritual do Toré são entoados cantos que remetem a tradição, a religiosidade, os saberes e a história de cada povo.

Assim, cada povo ou comunidade possui suas próprias singularidades na realização do Toré. Na cerimônia é realizada uma dança circular ao som do maracá e de outros instrumentos.

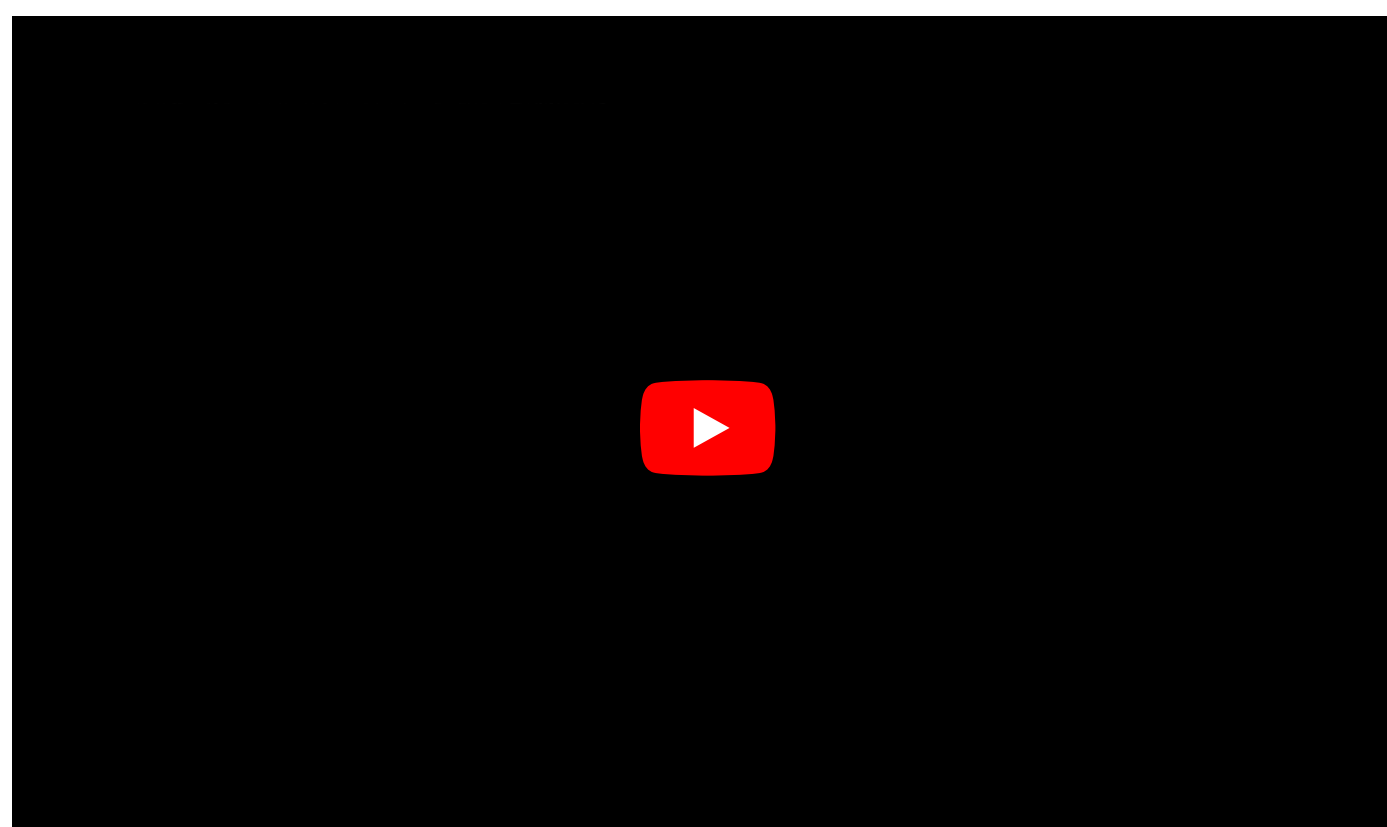
Veja uma apresentação do Toré dos Kariri-Xocó:



Fulkaxó, ser e viver Kariri-Xocó. Duração: 2'38".
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fEn-ILYMNpg&t=3s>



Assista também ao vídeo do professor Davir Narcizo Pereira, do povo Kaimbé, explicando sobre a dança do Toré.



Memória Sertão Toré Kaimbé. Duração: 3'42".
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x6zQsfZL2pk>



Idiomas

Daniel Munduruku é um escritor indígena brasileiro, autor de dezenas de livros para crianças, jovens e educadores, tendo recebido prêmios, tais como o Prêmio Jabuti, o Prêmio da Academia Brasileira de Letras e o Prêmio Tolerância (Unesco). É graduado em Filosofia, História e Psicologia, doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutor em Literatura pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

No vídeo a seguir, Munduruku explica como palavras indígenas de variadas origens fazem parte do vocabulário atual, até de quem ainda não se deu conta disso.

São nomes de frutas, de rios, localidades, nomes próprios... Um monte de vocábulos que foram absorvidos pelo português brasileiro.

Ubatuba peteca
pipoca jabuticaba Kauã Tainá açai
pitanga Maracanã Ipanema Jussara
amendoim abacaxi canjica



Itaú Cultural. As línguas dos povos indígenas
Disponível em: https://youtu.be/cKNckMdxoxw?si=kQyXF_5DyVLYF1Tg

Leia um trecho de “O sonho é a matéria prima da Literatura”, por Fernanda Zanelli, referente à literatura de temática indígena:

"Embora seja comum nos referirmos aos povos indígenas como se pertencessem a uma categoria homogênea, é sempre bom lembrar que temos em território nacional cerca de **305 etnias e 274 línguas indígenas**. **Diversidade** que carrega consigo características próprias: desde questões relacionadas ao vínculo com território, até costumes, crenças e práticas sociais específicas.

Essa pluralidade abre fronteiras para um **debate sobre a forma estereotipada** com que os indígenas são representados na sociedade, remetendo à **ideia romantizada de que são povos que vivem na floresta, sem contato com a civilização, como se sua legitimação como povo originário estivesse condicionada à não relação com a sociedade e o mundo contemporâneo**.

A literatura de temática indígena – quando condizente com o retrato da diversidade e dos povos indígenas como cidadãos de direito que compõem a sociedade – tem um papel fundamental de desconstrução desse estereótipo e, portanto, também do racismo que ele carrega.

Importante enfatizar que o uso da palavra temática é para distinguir a literatura que é produzida por autores indígenas daquela que faz referência à temática (mas não necessariamente foi produzida por indígenas).

Sobre isso, o fato de os povos indígenas terem sido dizimados ao longo da história, e também colocados como primitivos em uma perspectiva colonizadora, contribuiu para a ausência sistemática dos autores indígenas no campo da literatura. A prioridade de fomento à literatura desenvolvida por autores indígenas é fundamental, já que desse modo podem exercer autoridade sobre visões de mundo que lhes são próprias".

"Sobre isso, o fato de os povos indígenas terem sido dizimados ao longo da história, e também colocados como primitivos em uma perspectiva colonizadora, contribuiu para a ausência sistemática dos autores indígenas no campo da literatura.

A prioridade de fomento à literatura desenvolvida por autores indígenas é fundamental, já que desse modo podem exercer autoridade sobre visões de mundo que lhes são próprias".

Indicação de autores indígenas:

Daniel Munduruku



Ailton Krenak



Graça Graúna



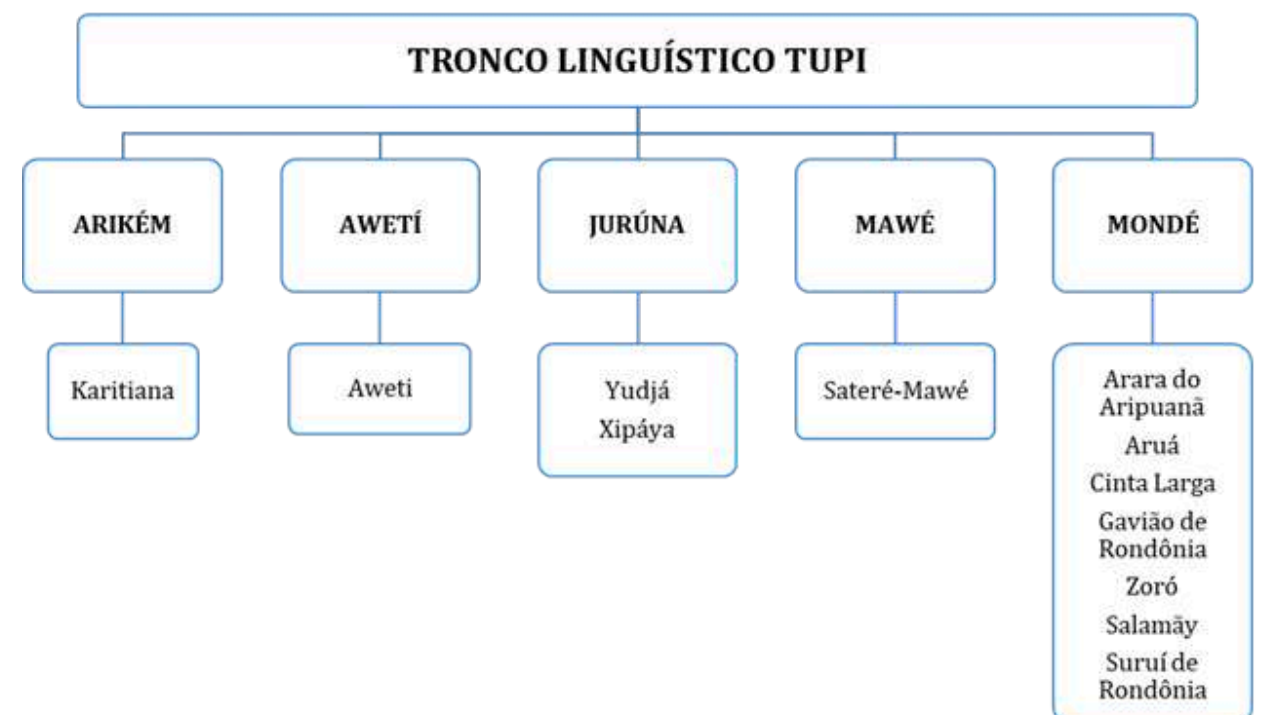
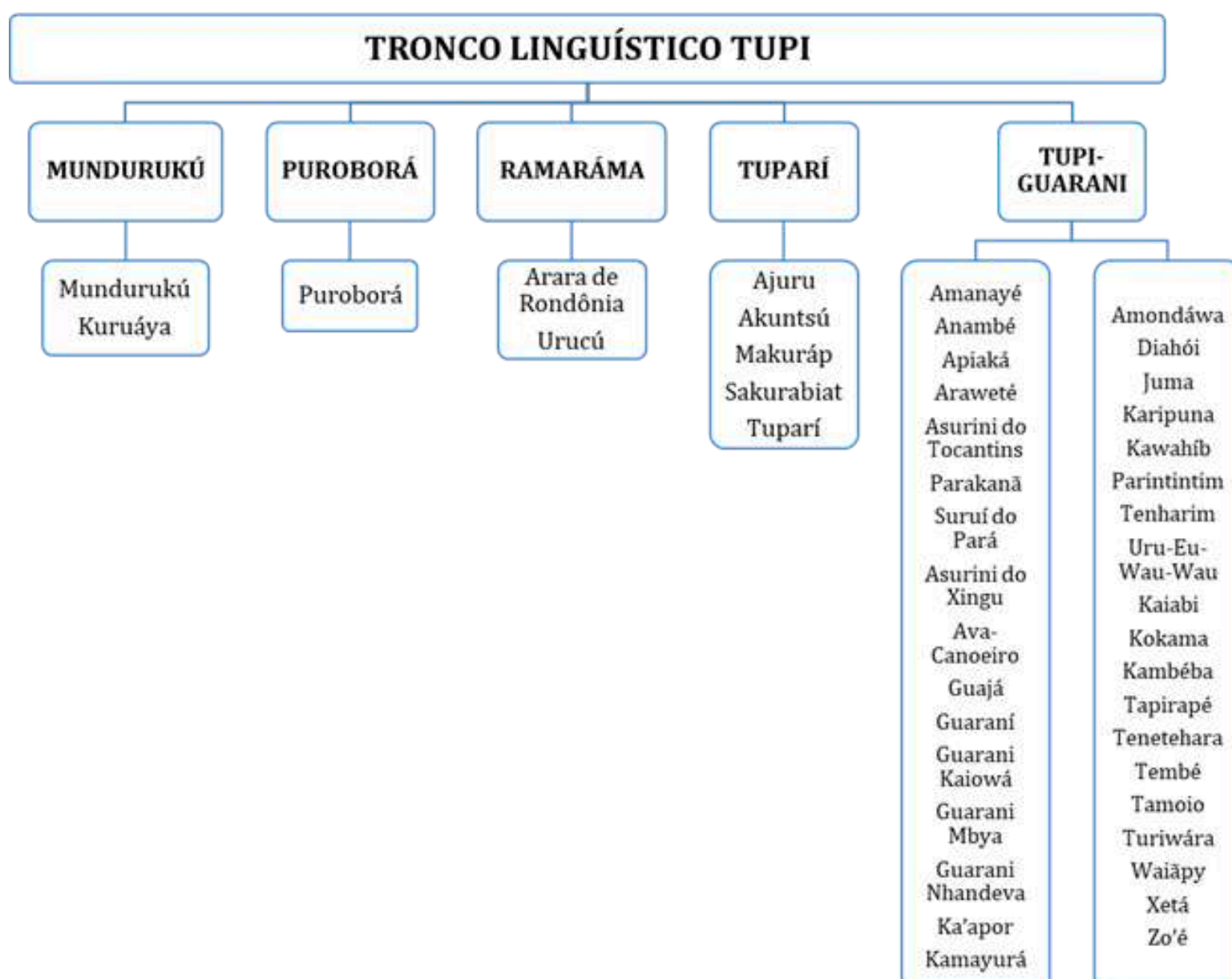
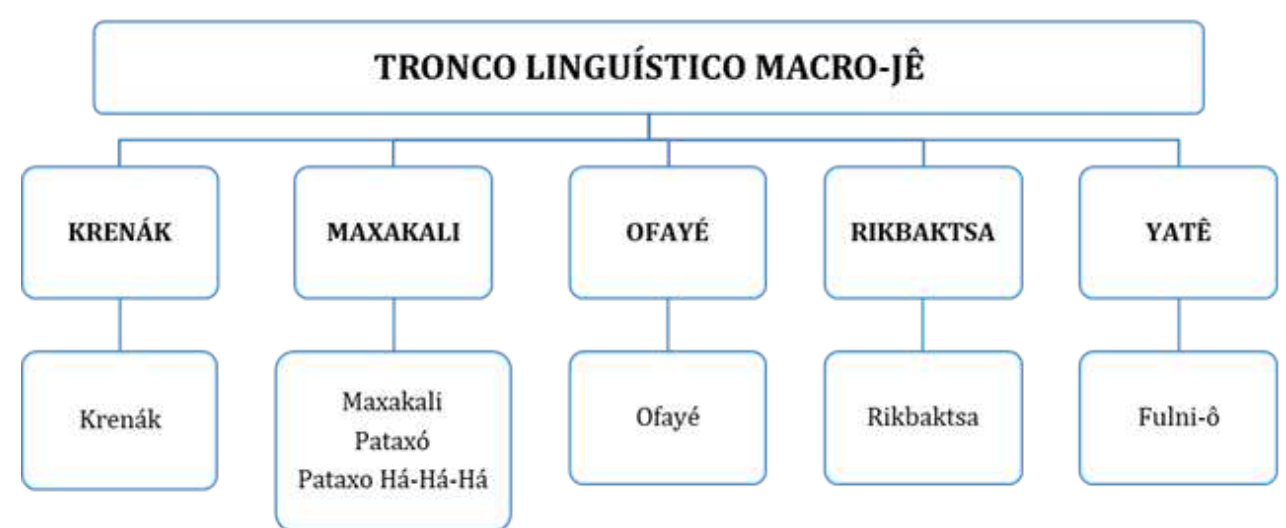
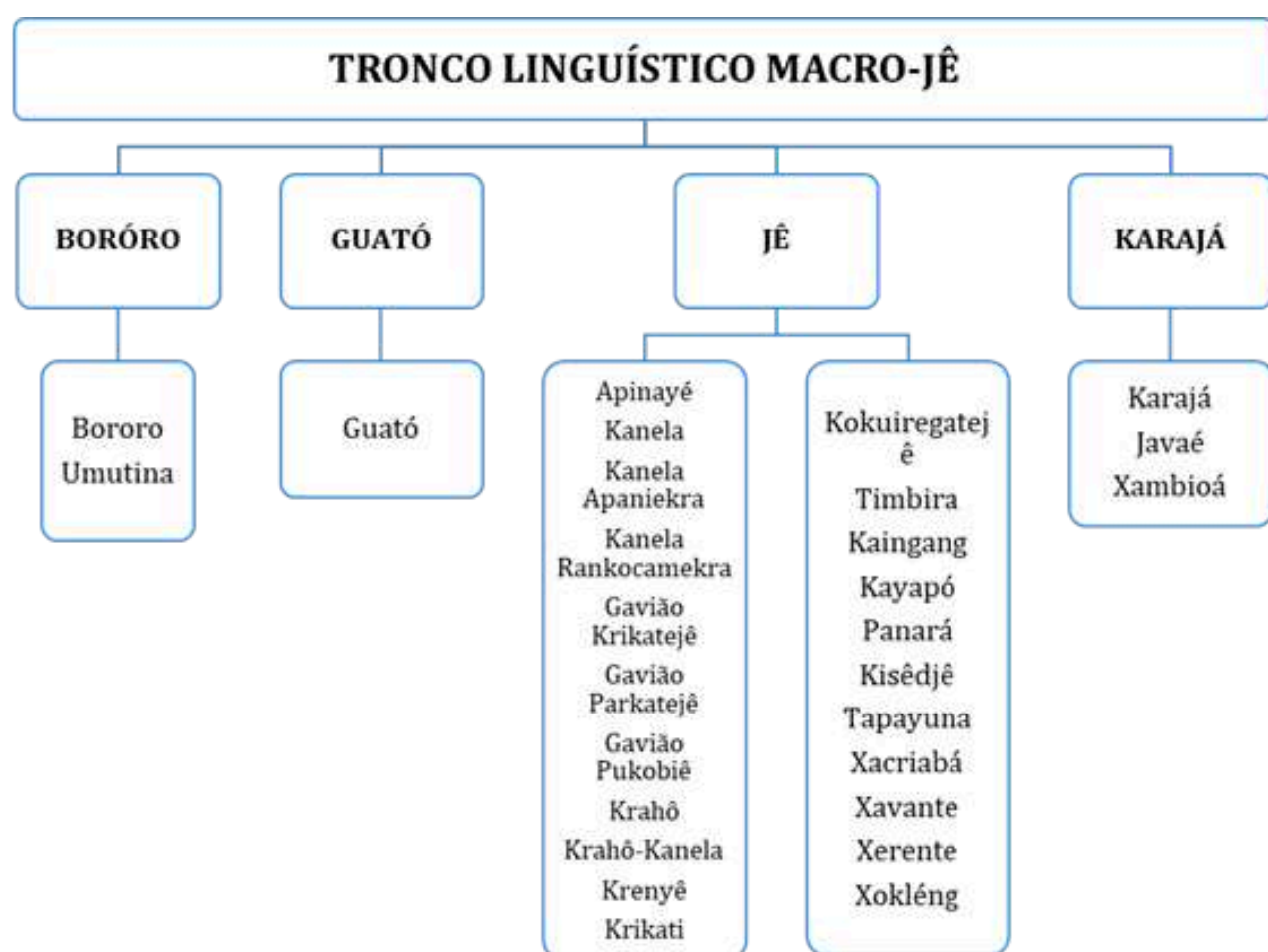
Davi Kopenawa Yanomami



Eliane Potiguara



Segundo o Censo 2010 do IBGE, no Brasil há 305 etnias e 274 línguas indígenas, sendo a maioria dividida em dois grandes troncos linguísticos: o Macro-Jê e o Tupi. As etnias do tronco Macro-Jê são subdivididas em nove famílias linguísticas, enquanto as do tronco Tupi são subdivididas em outras dez, observe:



Além das etnias indígenas vinculadas às famílias linguísticas pertencentes aos troncos Tupi e Macro-Jê, há no Brasil diversas outras etnias que pertencem a outras famílias que não derivam desses troncos. Alguns estudiosos consideram a existência de um terceiro grande tronco linguístico indígena no Brasil, o Aruak.

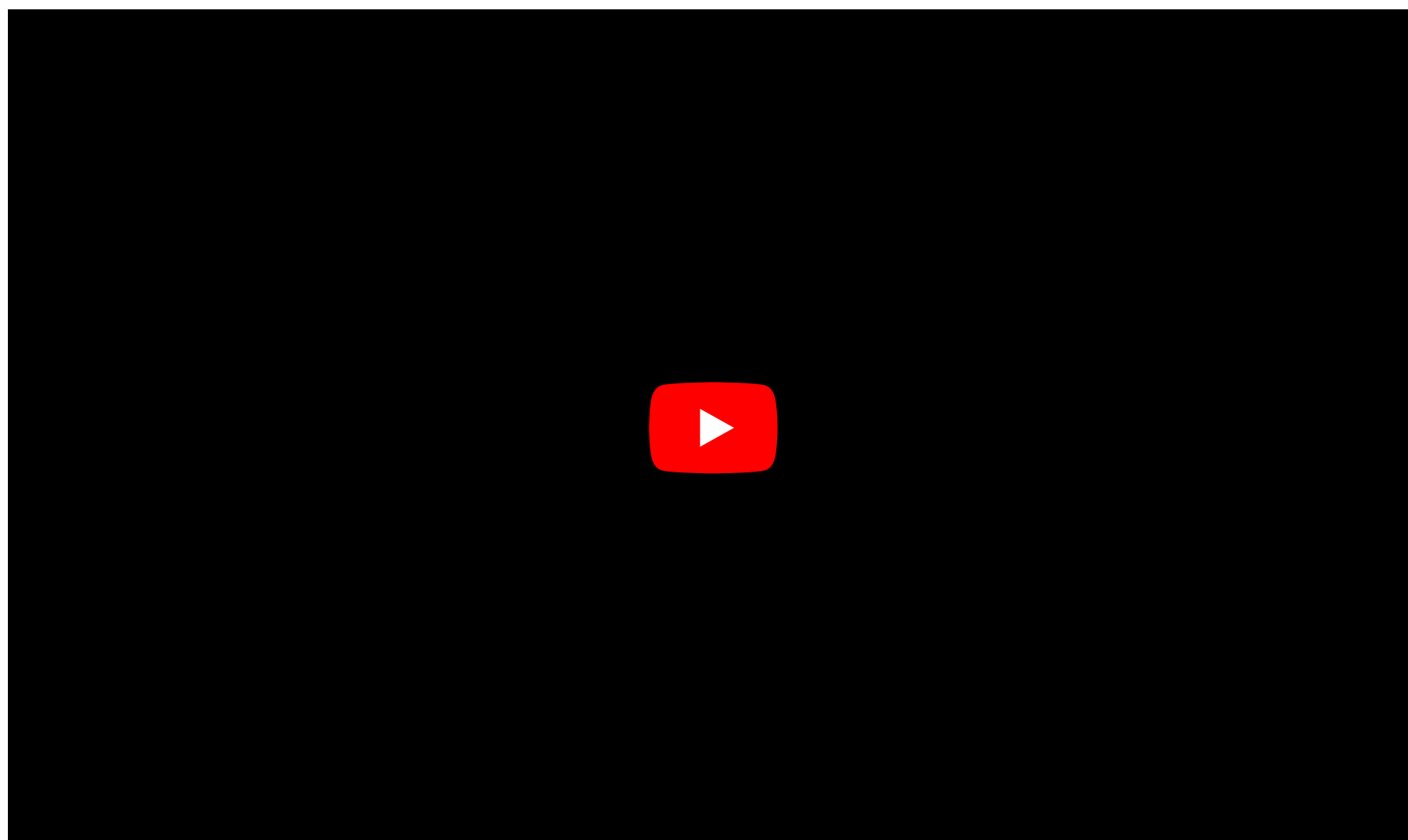
Contudo, o IBGE, no Censo 2010, classificou o Aruak como uma das 17 famílias linguísticas não classificadas em troncos. Entre elas, além do Aruak, temos também as famílias Karib, Pano, Tukano, Arawá, Katukina, Makú (Nadahup), Nambikwára, Txapakúra, Yanomamí, Bóra, Guaikurú, Múra, Samúko, Chiquito, Jabutí e Witóto. Essas 17 famílias linguísticas estão relacionadas (seguindo suas divisões próprias) com um total de 127 etnias indígenas.

Por fim, o último censo ainda constatou a autodeclaração de mais 86 etnias cujas as línguas não são classificadas nem em troncos e nem famílias linguísticas. Destacam-se, respectivamente, entre as mais populosas as etnias Potiguara, Xucuru, Pankararú, Atikum, Tupinikim e Tupinambá, todas elas com mais de 5.000 autodeclarações étnicas.



Para saber mais, sobre o Brasil Indígena com dados do IBGE, clique aqui.

Assista ao vídeo para saber um pouco mais sobre as línguas indígenas.



As Línguas Indígenas do Brasil. Duração: 16 min. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=OTE8u2bsyBg>

1.4 INFLUÊNCIA AFRICANA NA LITERATURA.



Ao investigarmos a influência africana na literatura, encontramos informações relevantes e facilitadoras para a prática de uma Educação sem racismo.

Para isso, faz-se necessário compreender o que ela é, e qual papel social exerce nas diferentes sociedades.

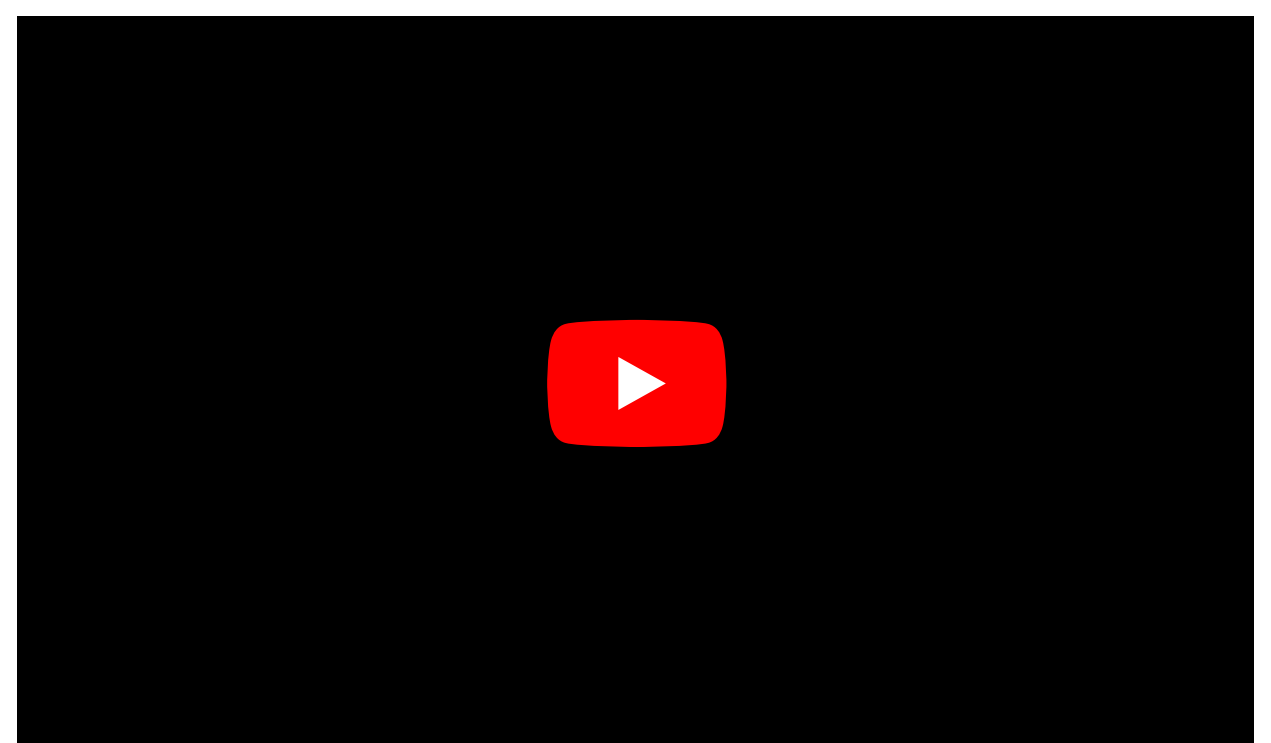
A Literatura é, antes de tudo, um instrumento de comunicação e interação coletiva; é a arte da palavra! É responsável por transmitir os conhecimentos e a cultura de uma determinada comunidade ou de um povo.

Na **literatura negra ou afro-brasileira**, a identidade cultural de povos africanos e afrodescendentes pode ser apresentada por meio de uma escrita que valoriza essa herança, garantindo o direito à memória desses povos.

Esse tipo de literatura compartilha das angústias da alma e do cotidiano vivido por personagens negras.

O reconhecimento da contribuição negra para a literatura brasileira se dá por meio de nomes historicamente consagrados, tais como: Machado de Assis, Cruz e Sousa e Lima Barreto. **Porém, como anda a produção de autores negros no Brasil, atualmente?**

No vídeo, **Conceição Evaristo** (escritora e dra. em Literatura Comparada/UFF), **Fernanda Felisberto** (profª de Literatura/UFRRJ) e **Eduardo de Assis Duarte** (prof. Letras e Estudos Literários/UFMG e coord. Literafro) conversam sobre o tema.



Literatura afro brasileira - Conexão Futura - Canal Futura
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oc-GF_n9Vvk



O racismo invisibiliza o negro e seus escritos. Grande parte da juventude brasileira passa pela Educação Básica, lê Machado de Assis, e não sabe que está lendo um autor negro.

É necessário que as autoras e os autores negros sejam estudados, lidos e reconhecidos nas escolas para que, nos anos escolares, a literatura negra seja um importante ponto de debate.

A seguir, trazemos uma reflexão acerca da literatura de temática negra:



“O racismo que estrutura a sociedade brasileira deixa sequelas em diversas dimensões, tais como econômica, política e social. [...] Nessa esteira, a dimensão cultural também carrega os reflexos do racismo estrutural.

No campo da literatura, por exemplo, historicamente, pessoas negras são representadas em condições de subalternidade ou de maneira estereotipada, reproduzindo dinâmicas de uma sociedade escravocrata e restringindo simbolicamente a identidade negra a esse aspecto.

A literatura de temática negra é legítima quando traz consigo a riqueza da ancestralidade negra, do legado da negritude como fonte de identificação e reconhecimento, desconstruindo hierarquizações que estão no cerne da sociedade.

A prioridade de fomento à literatura desenvolvida por autores negros é fundamental, pois é também efeito do racismo estrutural o fato de que a população negra é frequentemente colocada no lugar de analisada e não de analista, ou seja, autores de suas próprias narrativas de mundo”.



“Nessa esteira, a dimensão cultural também carrega os reflexos do racismo estrutural. No campo da literatura, por exemplo, historicamente, pessoas negras são representadas em condições de subalternidade ou de maneira estereotipada, reproduzindo dinâmicas de uma sociedade escravocrata e restringindo simbolicamente a identidade negra a esse aspecto. A literatura de temática negra é legítima quando traz consigo a riqueza da ancestralidade negra, do legado da negritude como fonte de identificação e reconhecimento, desconstruindo hierarquizações que estão no cerne da sociedade. A prioridade de fomento à literatura desenvolvida por autores negros é fundamental, pois é também efeito do racismo estrutural o fato de que a população negra é frequentemente colocada no lugar de analisada e não de analista, ou seja, autores de suas próprias narrativas de mundo.”



Literatura Negra: a arte da palavra de Carolina Maria de Jesus.

Para exemplificar sobre literatura de temática negra, trazemos a vida e trajetória de **Carolina Maria de Jesus**, a catadora de papel negra que vivia na favela.

No dia 25 de fevereiro de 2021, a escritora recebeu o título de Dra. Honoris Causa, pela Univ. Federal do Rio de Janeiro.

Embora seja uma homenagem póstuma, a UFRJ reconheceu a luta, a coragem e a importância dessa inquebrantável mulher. Conheça um pouco mais sobre Carolina Maria de Jesus, a partir do texto "**Carolina Maria de Jesus deu voz ao sentimento do absurdo**", por Arnaldo Cardoso (Me. Ciência Política/PUC-SP).



Clique na imagem e acesse o texto na íntegra, disponível em: <https://jornalggg.com.br/>

Indicação de autores negros:

Adão Ventura



Machado de Assis



Elisa Lucinda



Conceição Evaristo



Miriam Alves



Milton Santos



Maria Firmina dos Reis



Lima Barreto



Luis Gama



1.5 AS IDENTIDADES NEGRA E INDÍGENA NA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA CAPIXABA.



Este capítulo trata de duas das influências na formação da identidade capixaba: a negra e a indígena. Na primeira parte, enfocaremos a influência negra; na segunda, a indígena.




Influência Negra na Formação Identitária Capixaba.

Faça a leitura do texto "**A Construção Afro-capixaba**" de autoria do professor e pesquisador João Gualberto Vasconcelos (professor do Depto. de Administração da Universidade Federal do Espírito Santo e Dr. em Ciências Políticas/Escola de Altos Estudos, Paris).



Clique na imagem e acesse o texto na íntegra.
Disponível em: <https://blogjoaogualberto.com.br/2018/03/19/a-construcao-afro-capixaba/>




A seguir, assista ao episódio do vídeo "**Raízes**", sobre a história do Espírito Santo e a formação da identidade capixaba.



Vamos refletir?

Raízes - A História do Espírito Santo - Episódio 5 - A Formação da Identidade Capixaba Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=J_N4UEvULCU&t=416s



Por que os conhecimentos sobre a influência negra na formação da identidade capixaba não são mais explorados nos conteúdos dos diferentes componentes curriculares ofertados nas escolas?

Refleta sobre isso, pensando: de que forma essa realidade pode ser redesenhada?



Influência Indígena na Formação Identitária Capixaba.



Em relação à influência indígena na construção da identidade capixaba, sabemos que no Espírito Santo, e no país como um todo, a invisibilidade dos povos indígenas é uma marca nos textos que tratam da história nacional, bem como a do Espírito Santo.



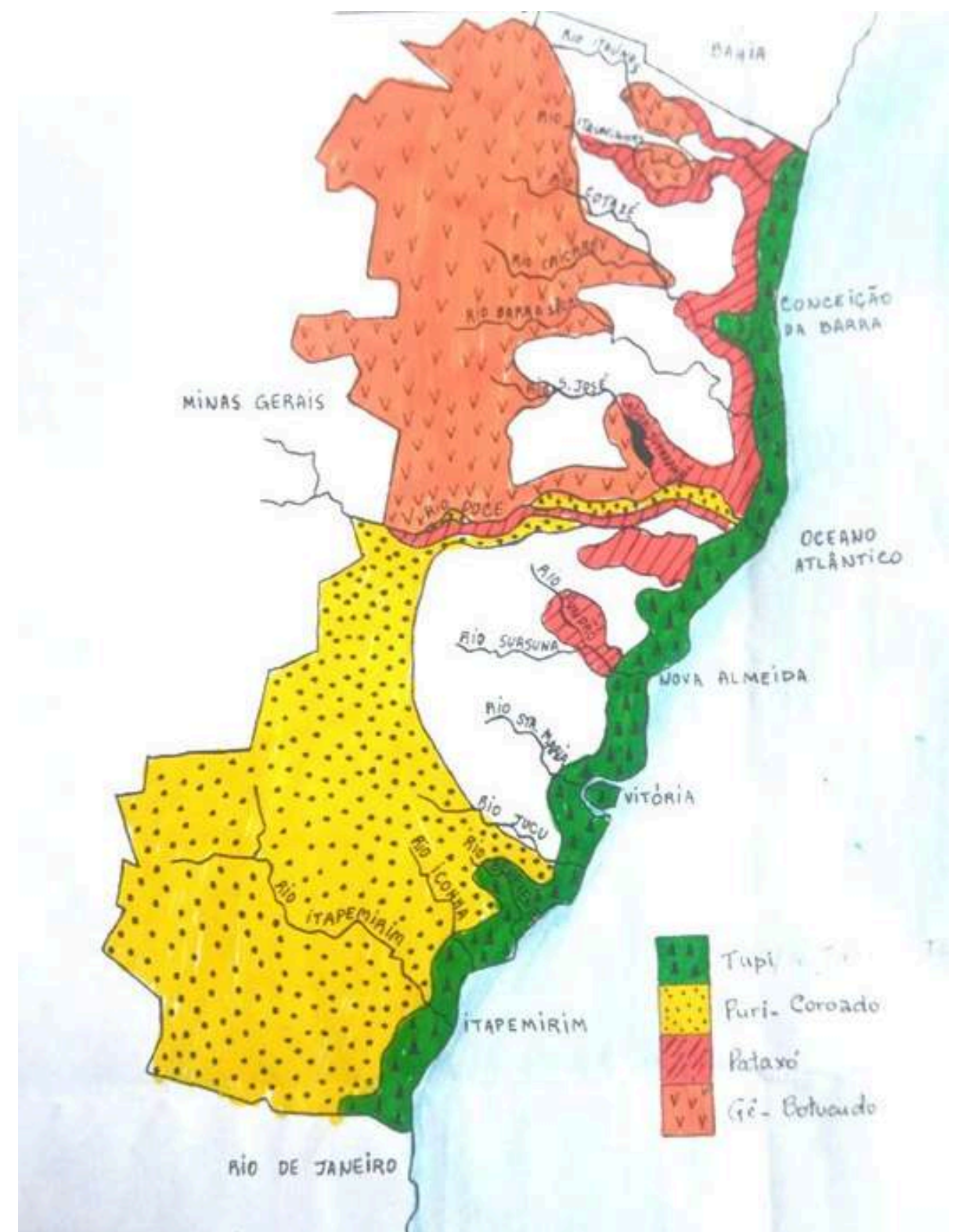
A seguir, leia o relato de Leidiane Pego de Souza Sezinando, educadora indígena tupiniquim. Leidiane Sezinando é prof^a. de Geografia da EMEF Caieiras Velha e atuou como Coordenadora Pedagógica do Programa de Formação para Professores Indígenas – PROLIND/UFES.



"Para falar das influências da cultura indígena na cultura capixaba, é preciso primeiro considerar que não há uma única cultura indígena, e sim, culturas indígenas.

Para tanto se faz necessário saber e identificar quais grupos indígenas habitavam as terras que, posteriormente, seria a Capitania do Espírito Santo e, por fim, o estado do Espírito Santo.

Mapa Arqueo-etnográfico do Espírito Santo (distribuição da população indígena, no século XVI). Fonte: *Jornal A Gazeta. Suplemento Documento - Estado*. 27/07/1992, p. 11. Vitória, ES.



Assim, cada povo, de acordo com a sua localização, deixará marcas específicas na cultura regional. Afinal, são povos com distintas culturas e línguas.

Outra forma de abordar estas influências é problematizar o conceito de lugar, já que este é carregado de sentimentos de pertencimento, não há que negar, que não basta apenas dizer que tal lugar havia índios, ou que antes era uma aldeia, ficando a história pela história, mas criar um olhar investigativo, se era uma aldeia, qual tipo de aldeia, se esta foi feita por padres ou se eram autóctones.

Outro ponto de partida são os topônimos. Qual é o significado do nome de seu lugar, qual a relação deste nome com a história e a geografia deste lugar? Qual é a sua relação atual?

O que falar então do nome das coisas, em especial da fauna e flora brasileira. Já parou para refletir quantas palavras usamos em nosso dia a dia que são de origem de diferentes línguas indígenas!

Arion Rodrigues (apud Teixeira, 1995) vai dizer que 'de mil nomes de aves, 350 eram Tupinambá, de 550 nomes de peixes, 225 também eram tupinambá'.

Um outro fator imprescindível é a identidade gentílica para quem nasce no Espírito Santo. O próprio nome capixaba é uma palavra de origem tupi. Mas não é simplesmente dizer, "é uma palavra de origem tupi que se refere a um grande roçado de milho". É se indagar, o porquê deste nome? Onde era? Havia alguma relação deste roçado com as moradias, com as pessoas e com a economia da época? Qual a relação do nome "roçado de milho" com pessoas?



Se apenas descrevermos as influências das culturas indígenas na cultura capixaba, por elas mesmas, é possível reduzirmos uma identidade tão rica em simples características folclóricas ou gastronômicas, ou apenas para conceituar palavras. Chang Wang, curadora e pesquisadora do Museu do Índio (RJ) vai dizer que "a cultura brasileira é resultado de muitas culturas em sua topônimo, onomástica, dentre outros que não se deveria fazer a dissensão entre elas". Tal influência esta arraigada que é quase impossível separa-la. Assim sendo, há que se pensar e refletir, não apenas listando palavras, mas como o nosso estado chegou ao que é hoje com uma história e cultura tão vasta e específica, pouco reconhecida em seus livros didáticos quando se trata dos povos nativos desta região. Afinal, além de já habitarem esta região antes dos europeus chegarem, foram estes também os primeiros moradores, também incentivados por uma miscigenação das principais vilas da época, antigas aldeias que com o decreto Pombalino, foram elevadas a categoria de vilas. De acordo com COTTA (2004) é possível identificar tais eventos no livro do Tombo de Nova Almeida, além do "Directório que Deve Observar na Povoações" do regimento imperial de três de maio de 1757.

Em suma, daremos alguns exemplos de aspectos culturais de povos indígenas arraigados na cultura capixaba em geral, que servem de estímulos para problematizar as influências na formação da cultura capixaba".

(Texto extraído de relato de Leidiane Pego de Souza Sezinando).



Mitos

O pássaro de fogo (mito de explicação de origem dos montes Mochuara ou Moxuara e Mestre Álvaro).



Monumentos

Palácio Anchieta (sua formação, sustento, função da época), Igreja Três Reis Magos (Nova Almeida), dentre outros.



Fauna e ora

Abacaxi, caju, cará, tucunaré...



Onomástica

Jaciara, Jacira, Tainá, Kauê, Potiara.



Topônimos

Ibiraçu, Guaçuí, Aracruz, Piraquê- Açu, Jaguaré, Guarapari, Juparanã, Jacaraípe, Jucutuquara, Cariacica e outros.



Origem dos lugares:

Cada lugar tem a sua história de origem, algumas delas com a participação direta dos povos indígenas da região. Ex. Viana, Vila Velha, Santa Cruz, Anchieta e outros.



Técnicas de plantio

Plantio (rotação de cultura, coivara- hoje ressignificada dada a questão ambiental, mas que permanece em alguns lugares, desintoxicação da mandioca para o consumo).



Culinária

Moqueca, pirão, prática de comer crustáceos oriundos dos manguezais ou frutos do mar.



Artefatos/artesanatos:

Panela de barro, rede, cestos trançados...

A seguir, convidamos à leitura da encantadora lenda do Pássaro de Fogo, tão importante na cultura do Espírito Santo:

Segundo a **lenda do Pássaro de Fogo**, **Serra e Cariacica** são cúmplices numa **história de amor**. As duas cidades, segundo conta a lenda, estão ligadas para sempre pela força de um sentimento que une até hoje o índio Guaraci (Tribo Temiminó) e a índia Jaciara (Tribo dos Botocudos). Guaraci, em Tupi significa Sol, Verão. Jaciara significa Tempos de Luar, Noites com raios de Lua. Pertencentes a duas tribos inimigas - Temiminós e Botocudos - o jovem casal foi impedido de viver a sua história de amor. Comovido com a paixão dos dois índios, o Deus Tupã transformou-os em duas montanhas. O índio passou a ser o Mestre Álvaro, na Serra, e a índia, o monte Moxuara, em Cariacica. O nome Mestre Álvaro é uma homenagem do Padre Jesuíta Braz Lourenço (Fundador da Serra) ao Capitão e Mestre de Navio de nome Álvaro da Costa, filho do segundo Governador Geral do Brasil, Dom Duarte da Costa. O Mochuara (Moxuara) - é um Morro que fica em Cariacica. Tanto Serra e Cariacica são cidades limítrofes e fazem parte da Grande Vitória, Capital do Estado do Espírito Santo. Até hoje eles estão frente a frente, contemplando-se um ao outro, e assim ficarão por toda a eternidade. Segundo o historiador Clério José Borges, um "Pássaro de fogo" sempre é visto nas noites de São João, (24 de junho), indo do Mestre Álvaro ao Moxuara, abençoando o amor de Guaraci e Jaciara.



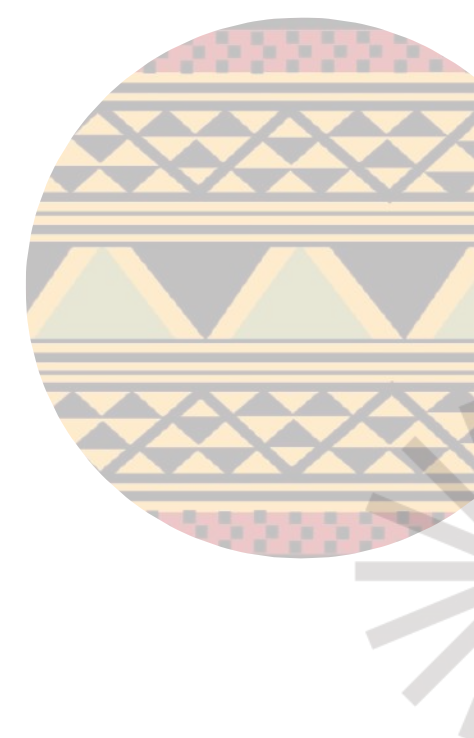
Clique na imagem e visite o blog "Lendas do Espírito Santo. Lendas Capixabas". Disponível em <https://www.lendas-do-espírito-santo.noradar.com>

1.6 A RELIGIOSIDADE DE MATRIZ AFRICANA: RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E O RESPEITO À DIVERSIDADE RELIGIOSA.



Neste subcapítulo do Livro 1, abordaremos o tema do respeito à diversidade religiosa, refletindo sobre como a intolerância religiosa tem impedido que as Leis Nº 10.639/03 e 11.645/08 sejam, efetivamente, aplicadas no contexto educacional, visando a uma Educação sem racismo.

Confira a reportagem abaixo que apresenta mais detalhes sobre os dados em torno da intolerância religiosa no Brasil:
Link: <https://veja.abril.com.br/brasil/brasil-tem-uma-denuncia-de-intolerancia-religiosa-a-cada-15-horas>



O vídeo "**A Violência contra religiões Afro**" aponta que os ataques motivados por intolerância religiosa têm crescido muito no Brasil.

Nos depoimentos, constam a Pastora Anglicana Lusmarina Garcia, a Mãe Baiana de Oyá, o Frei David dos Santos, Ordep Serra (prof. UFB), o Babalorixá Rychelmy Veiga e Alessandro Santos.



A VIOLÊNCIA contra religiões AFRO - Canal Preto
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oP4IJ_gDQgM

É importante nos atentarmos para o fato de que, do ponto de vista filosófico, em se tratando de religiões africanas, deve-se investigar qual aplicabilidade do conceito de religião à vida e ao pensamento africanos.

A palavra “religião” não é africana; logo, sendo um termo não pertencente a nenhum país do continente, nem a suas centenas de etnias, é improvável que exista uma única palavra, ou perífrase, em qualquer língua africana; entretanto, isso não significa, necessariamente, que o conceito não exista entre os diferentes povos africanos.

A seguir, leia, atentamente, o relatório do Seminário “**Perseguição religiosa: um estado de coisas/cenários e desafios**” (Rio de Janeiro, 2019) no qual o Ministério Público Federal debateu sobre violência religiosa e perseguição contra religiões afro-brasileiras.



Clique na imagem e acesse o texto.
Disponível em: <https://www.geledes.org.br/>

Vamos refletir?



Por que há pessoas que manifestam medo e rechaço em relação às religiões de matrizes africanas?

Quando pensamos no tema da intolerância religiosa, não podemos deixar de perceber sua relação direta com o racismo, pois ela acontece, majoritariamente, contra os adeptos das religiões de matrizes africanas.

Há, nesse sentido, o desejo de anular a crença associada aos povos originários da África. No Brasil, nenhuma outra orientação religiosa é tão massiva e, historicamente, perseguida como as religiões afro-brasileiras.

A intolerância e o desrespeito religioso estão, diretamente, ligados ao racismo.

LIVRO 1 - REFERÊNCIAS

A Lenda do Pássaro Fogo. Lendas do Espírito Santo: lenda capixaba. Disponível em: <https://www.lendas-do-espírito-santo.noradar.com/a-lenda-do-passaro-fogo/>. Acesso em: 26/02/2024.

ANDRADE, Ana Luíza Mello Santiago de. Primeiros humanos na África. InfoEscola, s/d. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/primeiros-humanos-na-africa/>. Acesso em: 26/02/2024.

BBC NEWS BRASIL. Como era a América antes de Colombo. Youtube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SSV1YvTarck>. Acesso em 19/12/2023.

BRASIL. Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI). Conheça o Toré, ritual de diferentes etnias do Nordeste do país, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/conheca-o-tore-ritual-de-diferentes-etnias-do-nordeste-do-pais> Acesso em: 26/12/2023.

_____. Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI). Cultura: a música nas tradições indígenas, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/cultura-a-musica-nas-tradicoes-indigenas>. Acesso em: 26/12/2023.

_____. Fundação Nacional dos Povos Indígenas – O Brasil Indígenas. Ministério dos Povos Indígenas. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/atuacao/povos-indigenas/o-brasil-indigena-ibge-1>. Acesso em: 26/02/2024.

_____. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 26/02/2024.

_____. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, de 11 de março de 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 26/02/2014.

_____. Ministério da Educação, Conselho Nacional da Educação. Parecer CNE/CP nº 14, de 11 de novembro de 2015. Diretrizes Operacionais para a implementação da história e das culturas dos povos indígenas na Educação Básica, em decorrência da Lei nº 11.645/2008. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de abril de 2016. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=27591-pareceres-da-camara-de-educacao-basica-14-2015-pdf&category_slug=novembro-2015-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 26/02/2024.

_____. Ministério da Educação, Conselho Nacional da Educação. Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Diário Oficial da União, Brasília, 22 jun. 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>. Acesso em: 26/02/2024.

_____. Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, SECADI, 2013. Disponível em: <https://media.ceert.org.br/portal-4/pdf/plano.pdf>. Acesso em: 26/02/2024.

_____. Secretaria de Comunicação Social. Brasil tem 1,69 milhão de indígenas, aponta Censo 2022. Publicado em 07/08/2023. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/08/brasil-tem-1-69-milhao-de-indigenas-aponta-censo-2022>. Acesso em 18/12/2023.

CANAL PRETO. A VIOLÊNCIA contra religiões AFRO. Youtube, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oP4IJ_gDQgM. Acesso em: 26/02/2024.

CANAL PRETO. Não existe cultura BRASILEIRA sem o NEGRO. Youtube, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fsTtQHdbHjU>. Acesso em: 26/02/2024.

CAPIXABA. Raízes – A história do Espírito Santo (Ep. 05) – A formação da Identidade Capixaba. TV Gazeta, 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=J_N4UEvULCU. Acesso em: 26/02/2024.

CARDOSO, Arnaldo. Carolina Maria de Jesus deu voz ao sentimento do absurdo. Jornal GGN, 2021. Disponível em: <https://jornalgggn.com.br/luisnassif/maria-carolina-de-jesus-deu-voz-ao-sentimento-do-absurdo-por-arnaldo-cardoso/>. Acesso em: 26/02/2024.

CINEDOC BRASIL. Coral Guarani Tenonderã (Música Indígena Guarani) – Nhãnderu Tenonde Guiae. Youtube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DH0Sv-gPwnw>. Acesso em: 26/12/2023.

CONEXÃO FUTURA. Literatura Afro brasileira, Canal Futura. Youtube, 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oc-GF_n9Vvk. Acesso em: 26/02/2024.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Introdução a uma História Indígena. In: _____ (Org.). História dos Índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP, 1992.

ESPÍRITO SANTO. Conselho Estadual de Educação. Resolução CEE/ES nº 1.967, de 14 de maio de 2009. Secretaria de Estado da Educação. Institui normas complementares às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, e trata da obrigatoriedade da inclusão da História e Cultura Indígena nos currículos escolares da Educação Básica das instituições de ensino integrantes do Sistema de Ensino do Estado do Espírito Santo. Diário Oficial do Espírito Santo, Vitória, 18 de março de 2010. Disponível em: <<https://cee.es.gov.br/Media/cee/Leis/Resolucoes/res1967-2.pdf>>. Acesso em 26/02/2024.

ESTADÃO CONTEÚDO. Brasil te uma denúncia de intolerância religiosa a cada 15 horas. Veja, 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/brasil-tem-uma-denuncia-de-intolerancia-religiosa-a-cada-15-horas>. Acesso em: 26/02/2024.

FERNANDES, Fernanda. A influência de línguas africanas no Português falado no Brasil. MultiRio, 2019. Disponível em: <https://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/reportagens/15356-a-influ%C3%Aancia-de-l%C3%ADnguas-africanas-no-portugu%C3%AAs-falado-no-brasil>. Acesso em: 26/02/2024.

FORDE, Gustavo Henrique Araújo. Vozes Negras na História da Educação: racismo, educação e movimento negro no Espírito Santo (1978-2002). Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2018.

GUALBERTO, João. A Construção Afro-capixaba. Blog João Gualberto, 2018. Disponível em: <https://blogjoaogualberto.com.br/2018/03/19/a-construcao-afro-capixaba/>. Acesso em: 26/02/2024.

ITAÚ CULTURAL. Herança Cultural – Culturas indígenas. Youtube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BE7kLD66t8A>. Acesso em: 26/02/2024.

KAITSU FILMES PRODUÇÕES. KUARUP. Youtube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ij0DVQhjOn8>. Acesso em: 26/12/2023.

LUCIANO, Gersem dos Santos. O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

LOPES, Vera Neusa; CAMISOLÃO, Rita de Cássia. Entrevista sobre Lei 10.639 e 11.645. Youtube, 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eV3OCz3_BAM. Acesso em: 26/02/2024.

MWANA AFRIKA, OFICINA CULTURAL. África, o Berço das Civilizações. Youtube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=48usOdDdNvk>. Acesso em: 26/02/2024.

MUNDURUKU, Daniel. As Línguas dos povos indígenas. Itaú Cultural. Youtube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cKNckMdxoxw>. Acesso em: 26/02/2024.

OWERÁ. Resistência Nativa. Youtube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LDmS6SwURTE>. Acesso em: 26/02/2024.

PORTAL GELEDÉS. MPF divulga relatório sobre violência religiosa e debate perseguição contra religiões afro-brasileiras, 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mpf-divulga-relatorio-sobre-violencia-religiosa-e-debate-perseguiçao-contrareligioes-afro-brasileiras/>. Acesso em: 26/02/2024.

RASHID. “A Cena” (part. Izzy Gordon). Youtube, 2015. Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=b_7NLH5rghw. Acesso em: 26/02/2024.

RAMOS, Luciane. Danças Africanas e suas diásporas no Brasil. IABEXPERIMENTAL.ORG. Youtube, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tP206mrqm98>. Acesso em: 28/02/2024.

RTV CAATINGA UNIVASF. Memória Sertão Toré Kaimbé. Youtube, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x6zQsfZL2pk>. Acesso em: 26/12/2023.

SESC PINHEIROS. “Fulkaxó, ser e viver Kariri-Xocó”: apresentação do toré. Youtube, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fEn-ILYMNpg&t=3s>. Acesso em: 26/12/2023.

SOUZA, Eduarda de. Legados da Culinária Afrodescendente. Youtube, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lf748RKwTmM>. Acesso em: 26/02/2024.

TV BRASIL. Nova África - Berço da Humanidade. Youtube, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0Mal2nGLink>. Acesso em: 26/02/2024.

WARI’U. Povos Indígenas do Brasil. Youtube, 2018. Disponível em: https://youtu.be/unkNJF_mlnQ?si=Wk6D-46Cxhltzjy. Acesso em: 26/02/2024.

XIX JORNADA DA EDIÇÃO – CEFET MG. As Línguas Indígenas do Brasil. Youtube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OTE8u2bsyBg>. Acesso em: 26/12/2023.

ZABELLI, Fernanda. O Sonho é a matéria prima da literatura. Itaú Social, 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/o-sonho-e-a-materia-prima-da-literatura/>. Acesso em: 26/02/2024.

LIVRO 1 - ESTUDOS COMPLEMENTARES

CARDOSO, Arnaldo. Maria Carolina de Jesus: a força libertadora da leitura. Youtube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xi8ta8i9YMg>. Acesso em: 26/02/2024.

CEFOPE ES. Diversidade étnico-racial na Escola: Legislação acerca da temática étnico-racial. Youtube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aRRMMn6ndcY>. Acesso em: 26/02/2024.

DPU. Interfaces do racismo: racismo religiosa. Youtube, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ExYG4-M-rsM>. Acesso em: 26/02/2024.

SILVA, Luana Tavares da; PUENTES, Cláudia C. R. Em Cores: o papel da literatura da influência africana na construção de uma educação antirracista e multicultural. In: Anais Eletrônicos do V Colóquio de História: “Perspectivas Históricas: historiografia, pesquisa e patrimônio”. Luiz C. L. Marques (Org.). Recife, 16 a 18 de novembro de 2011. p. 1249-1262. ISSN: 2176-9060. Disponível em: <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.1249-1262.pdf>. Acesso em: 26/02/2024.

Governador do Estado do Espírito Santo
José Renato Casagrande

Vice- Governador do Estado do Espírito Santo
Ricardo Ferraço

Secretário de Estado da Educação
Vitor Amorim de Angelo

Subsecretária de Estado de Educação Básica e Profissional
Andréa Guzzo Pereira

Subsecretário de Estado de Planejamento e Avaliação
Marcelo Lema Del Rio Martins

Subsecretário de Estado de Suporte à Educação
André Melloti Rocha

Subsecretária de Estado de Administração e Finanças
Josivaldo Barreto de Andrade

Subsecretária de Estado de Articulação Educacional
Darcila Aparecida da Silva Castro

Gerência de Estudos, Pesquisa, Qualificação e Desenvolvimento dos Profissionais do Magistério -
CEFOPE/GEPED

Karoliny Mendes da Costa (Gerente)
Gerência Qualificação Profissional - CEFOPE/GEPRO
Bianca Silva Santana (Gerente)

Concepção gráfica do Ambiente Virtual de Aprendizagem
Hernany Roberto Matos (Designer Gráfico - CEFOPE/GEPRO)
Equipe de Tecnologia
Leonardo Cruz de Andrade (Técnico Pedagógico CEFOPE/GEPRO)
Almir Carletti Neto (Assessor de Tecnologia)
Gustavo Pereira da Silva Nascimento (Assessor de Tecnologia)
Felipe Becalli Trindade (Estagiário)
Coordenação da Formação - GEPRO/CEFOPE
Regina Maria Graça de Farias (Técnica pedagógica - CEFOPE/GEPED)

Gerência de Educação Antirracista do Campo, Indígena e Quilombola (Geaciq)
Aline de Freitas Dias (Gerente da Geaciq)
Kelly Cristina Soares Lima (Coordenadora da Ceafro)
Professor(es) Conteudista(s)
Anna Karoline da Silva Fernandes
Darlete Gomes Nascimento
Helmar Spamer
Jorge Vinícius Monteiro Vianna
Thiago Fernandes Madeira
Edição e Revisão
Darlete Gomes Nascimento
Helmar Spamer
Jorge Vinícius Monteiro Vianna